

10 elebu #40

março de 2009



jaymay

diego medina + baxada nacional filmes + eric lovric

Como é que nasce um projeto gráfico? Às vezes de um cartão postal. Quando um grande amigo meu viajou para a Europa, mandou alguns cartões postais (alguns que chegaram depois dele, inclusive, mas está valendo). O que achei mais bonito foi um moderno e urbano: da Piccadilly Circus, Londres. Nele, tem outdoor da Coca-Cola, McDonalds, mas o que me chama atenção é o logo vermelho do metrô londrino, o único detalhe colorido num mundo de tonalidade sépia. Não sei do que se trata a tal Piccadilly e nem me dei o trabalho de pesquisar. Apenas gosto desse cartão, de olhar para ele.

A idéia de metrô não saiu da minha mente, talvez porque seja o transporte público que mais faço uso em Brasília, tirando a linha de ônibus circular 355. Gosto de andar nele e acho interessante até mesmo quando está lotado, naquela hora que você vai em pé sem segurar em nada porque não dá de tanta gente. Conversei algumas vezes a respeito com o Marcelo Leite, e até cheguei a ilustrar uma resenha da Rúbia Cunha com o logo do metrô londrino.

Então veio a necessidade de reformulação, de procurar um novo projeto gráfico para o zine. Após algumas tentativas e a grande maioria rejeitada quando pedia opinião de terceiros, cheguei à conclusão que deveria fazer algo utilizando essa idéia que martelava a minha cabeça por meses. Inseri o dez com uma faixa preta que passa no meio do zero que contem o nome, o número da edição e a data. Ficou meio corporativista, é verdade, mas é limpo e dá o recado.

A procura pelo diferencial vai continuar sendo a tônica. E já para essa edição foi dado um grito daqui para ser ouvido em Nova York. Respondeu a Jaymay, ótima cantora e compositora. Do Sul, vieram Diego Medina (de quem sou muito fã), e a galera da Baxada Nacional Filmes, que faz cinema muito promissor.

Ainda teve a participação de Eric Lovric, o criador do *Capitão São Paulo*. Um dia, mandei um e-mail para falar da página do blog e a respeito de contribuições com sugestões de pautas e textos. O Eric disse que poderia ajudar se eu quisesse. Era óbvio que sim e pedi já para essa edição. Ele mandou um texto a respeito de desenhos animados que ficou show de bola: crítico e informativo. O Eric faz um trabalho brilhante na área de animação e não dá para deixar escapar alguém assim.

Outra coisa bacana foi o retorno de velhos conhecidos. Além dos habituais tripulantes da nau Elebu, Rúbia Cunha e Marcelo Leite, o amigo Marcelo Mendes também mandou um texto inédito. Alguns outros se manifestaram como o Luis Xavier, Dudi, Manoel Frasaes... pessoas muito legais que vão marcar presença por aqui ainda neste ano (quem viver verá).

produção

Djenane Arraes

visual

Djenane Arraes

capa

foto de Gregory Wilson

textos

Djenane Arraes

Rúbia Cunha

Marcelo Leite

Marcelo Mendes

Eric Lovric

Nilson Ribeiro

thanx

Jaymay

Lulu Camargo

Diego Medina

Lucas de Andrade

Letícia Dário

onde

<http://elefantebu.blogspot.com>

elefantebu@yahoo.com.br

sonoras

Julieta Venegas - Como Se

Jaymay - Grey or Blue

Suzanne Vega - Caramel

Miles Davis - Autumn Leaves

Esta edição é dedicada ao Joel Arraes

Torcedor do Fluminense, admirador do JK, moço condecorado e, acima de tudo, um ser humano fora de série.



jaymay



fernanda takai



lulu camargo

diego medina



autoramas



coletivo concerto grosso



geração 00 - brasília



marcelo mendes e etc.



eric lovríc



baxada nacional filmes



persépolis



gato doméstico



beatriz



wall-e



crepúsculo



o início do babu



é ouro!

Fernanda Takai confirma boa fase na carreira ao receber o primeiro disco de ouro pelo trabalho solo Onde Brilhem Os Olhos Seus

Fernanda Takai recebeu um belo disco de ouro que veio coroar sua primeira investida em uma carreira solo. *Onde Brilhem Os Olhos Seus* vendeu mais de 50 mil cópias, um feito e tanto em dias que o CD envelheceu precocemente em virtude do mp3 e do download (até o CD pirata soa como algo antigo). Além do fato de a mídia física ter entrado em fase *démodé*, outros pontos fazem dessa conquista. Considere que o disco solo primeiro foi lançado de forma independente, distribuído pela Tratore. Mas com uma repercussão espetacular, tantos foram os pedidos de compra que se tornou complicado abastecer o mercado dentro do esquema indie brasileiro, ainda despreparado para o sucesso. Em um segundo momento, *Onde Brilhem Os Olhos Seus* passou a ser distribuído pela Deckdisc.

Fernanda recebeu dois discos de ouro pelos *Televisão de Cachorro* e *Isopor*, com o Pato Fu. Aliás, esses que são trabalhos emblemáticos, de certa maneira, na carreira dela e da banda. O primeiro marcou o momento que Fernanda assumiu em definitivo o ponto de vocalista, e o segundo trouxe reconhecimento internacional. Há outros "ouros" não computados que vieram de discos de coletâneas lançados pela BMG nas famigeradas coleções Focus, Millennium e outras do tipo que inundaram o mercado nos anos 90 em especial. [D.A]





o filho pródigo...

Após meses ausente, Lulu Camargo volta a assumir os teclados do Pato Fu

Depois de anunciar a sua saída do Pato Fu, Lulu Camargo resolveu investir em o tempo livre que teria nele mesmo, uma vez que não estaria mais preso à agenda da banda e dos shows de Fernanda Takai. Passou um tempo resolvendo questões pessoais, arrumou a cabeça, e também viajou um bocado, como ele mesmo disse. “Voltei a estudar (harmonia e contraponto) e fiz músicas que provavelmente vão ficar só no meu HD”.

Em resumo, Lulu fez uma retirada estratégica que parece até aquele samba de Candeia que muitos conhecem na voz de Marisa. “Se alguém por mim perguntar/ diga que eu só vou voltar quando me encontrar”. Ele se encontrou e voltou à casa do Pato Fu para reassumir os teclados, ocupados em sua ausência pelo músico de mil e um projetos Dudu Tsuda. “Quando fui convidado a voltar, não tive muita dúvida: para mim não existe nada melhor do que fazer música com os quatro Fus”, confessou.

Agora é esperar para conferir Lulu aperfeiçoado depois dos estudos (além do frescor de suas novas experiências pelo mundo afora) nos futuros trabalhos do Pato Fu e, quem sabe, num segundo disco solo de Fernanda Takai. Além de outras aventuras e projetos musicais que possam surgir. [D.A]

coletivo concerto grosso

O fino da música do sul em projeto coletivo

Marcelo Mendes

Grosso, em qualquer parte do país, pode ser uma pessoa sem educação, deselegante, o contrário de fino, enfim. No entanto, o projeto *Coletivo Concerto Grosso*, capitaneado pelo músico gaúcho Marcelo Birck, é grosso só no nome: conta com algumas das mais interessantes e, para ficarmos na dicotomia, refinadas bandas da cena contemporânea desse lado sul do país. Para começar, "concerto grosso" se refere a um tipo de formação barroca, em que

dois solistas dialogam com o resto da orquestra, entrando em consonância ou não. Isso, mais do que a grosseria no sentido mais amplo, define o projeto. Em outras palavras, trata-se da interação entre as bandas/artistas que fazem parte do coletivo, propondo, mais do que o encontro de diferenças, novos caminhos a partir de visões individuais. Ou seja, o projeto pretende potencializar trabalhos distintos e singulares a partir desses encontros.

A Coletivo é composto por

Musical Amizade (RS), Marcelo Birck (RS), Tony da Gatorra (RS), Irmãos Panarotto (SC) e Os Incríveis Animais que Tocam (SC/PR). Todos bandas/artistas com trabalhos conceituais ou experimentais, que fazem da música suporte ou o próprio meio de idéias e reflexões não apenas sobre música, mas sobre as mais diversas formas de expressão. As referências vão do filósofo Gilles Deleuze, passando por Epicuro, Freud, película Super 8, performance e novos instrumentos ou formas de gravar, entre outras coisas. Coisa fina. O projeto, além do lado musical, pretende-se ainda uma plataforma de integração de meios, como design, animação, cinema, literatura, performance, jornalismo, eletrônica e criação de novas interfaces, a partir de "novas possibilidade de interação humana" – segundo o release.

Em breve, o Coletivo promete colocar no ar os primeiros registros em áudio, no recém-inaugurado blog (coletivoconcertogrosso.blogspot.com), assim como um vídeo com imagens captadas por todos participantes. A expectativa é grande, já que o projeto tem o potencial de passar de um experimento localizado para uma forma de interação entre artistas das mais diversas áreas, sem esquecer as possibilidades de aproveitamento dos resultados dos trabalhos desenvolvidos coletivamente na composição de novos ou renovados materiais, audiovisuais ou não.

Marcelo Birck é um dos mentores do projeto Coletivo Concerto Grosso



mais do autoramas

*O trio Autoramas tem o trabalho reconhecido
por revista espanhola*

A turnê européia dos Autoramas Gabriel, Selma e Bacalhau, foi recebida com bons olhos também pela crítica local. A revista G'77 elegeu os dez melhores shows de 2008 realizados na Gruta 77 – casa de shows com bar e locais de ensaio em Madrid, Espanha – sendo que o trio mais rock'n'roll do Brasil está no topo da lista na categoria “internacional”. A revista considerou excelente a aposta nos brasileiros pouco conhecidos que faziam sua primeira passagem por lá. A G'77 também classificou os integrantes como grandes músicos, muito originais e que fazem uma música fresca e divertida.

Gabriel Thomaz foi considerado o melhor guitarrista de 2008 e ainda recebeu menção honrosa como vocalista. Selma foi a quinta na lista dos sete melhores baixistas. Sete também foram os bateristas eleitos pela revista espanhola, mas infelizmente Bacalhau não configurou nela.

Por curiosidade, na edição anterior do Elebu, Gabriel Thomaz considerou justo essa apresentação no Gruta 77 como uma das melhores dessa turnê européia. Ao que parece, bons fluidos e uma grande empatia entre o público espanhol e o rock criativo dos Autoramas pode render frutos ainda maiores num futuro próximo. Viva o roooock brasileiro.

Outros Brazucas

A carioca Cactus Cream caiu nas graças de Sher, diretora de programação de uma rádio norte-americana. Ela publicou a coletânea *Panorama*, como um dos melhores álbuns de 2008 numa lista que inclui artistas como Duffy,

Keane e Travis. *Panorama* foi lançado como forma de divulgação da banda no exterior e a abertura pode render uma pequena turnê por lá ainda neste ano.

Quem está mesmo de malas prontas para a terra do Obama é o Pato Fu. O quinteto Fernanda, John, Ricardo, Xande e Lulu Camargo aterrissa em Nova Jersey em meados de março, vai passar por Nova York, Chicago e encerra a mini-turnê em Austin, no Texas, no importante festival South by Southwest. [D.A]



a cantora o outono e o mar

Nova York de todas as estações do ano. Do pré-punk dos Stooges até o rock dos Strokes. Do folk com todos os seus antis e prós. Nova York do paranóico Wood Allen, dos musicais e que é destruída em todo filme de catástrofe que se preze. É a capital do mundo (afinal a sede da ONU é lá) e, por isso mesmo, cidade norte-americana mais cosmopolita. É nesse cenário que habita e se inspira Jaymay, cantora interessante e compositora de versos sinceros.

Texto: Djenane Arraes

Foto: Rebecca Lewis

Ilustrações: Jaymay e Daniel Lehrer



Como conhecer uma cantora cuja música ainda não “entrou” nas rádios comerciais ou nas novelas do Brasil? Há diversas maneiras surgidas de maneiras estranhas e até engraçadas, mas geralmente ela passa pelo acaso e pela curiosidade. A Jaymay, por exemplo. Quem acompanha o Elebu deve ter desconfiado que sou fã da série *How I Met Your Mother*. A canção *Sea Green, See Blue* encerrou a segunda temporada, mas só fui reparar depois, num site americano que faz resumos de episódios. Na ficha do final da temporada tinha a informação da música. Foi só quando procurei fazer o download. Adorei! Mas ficou nisso, por hora.

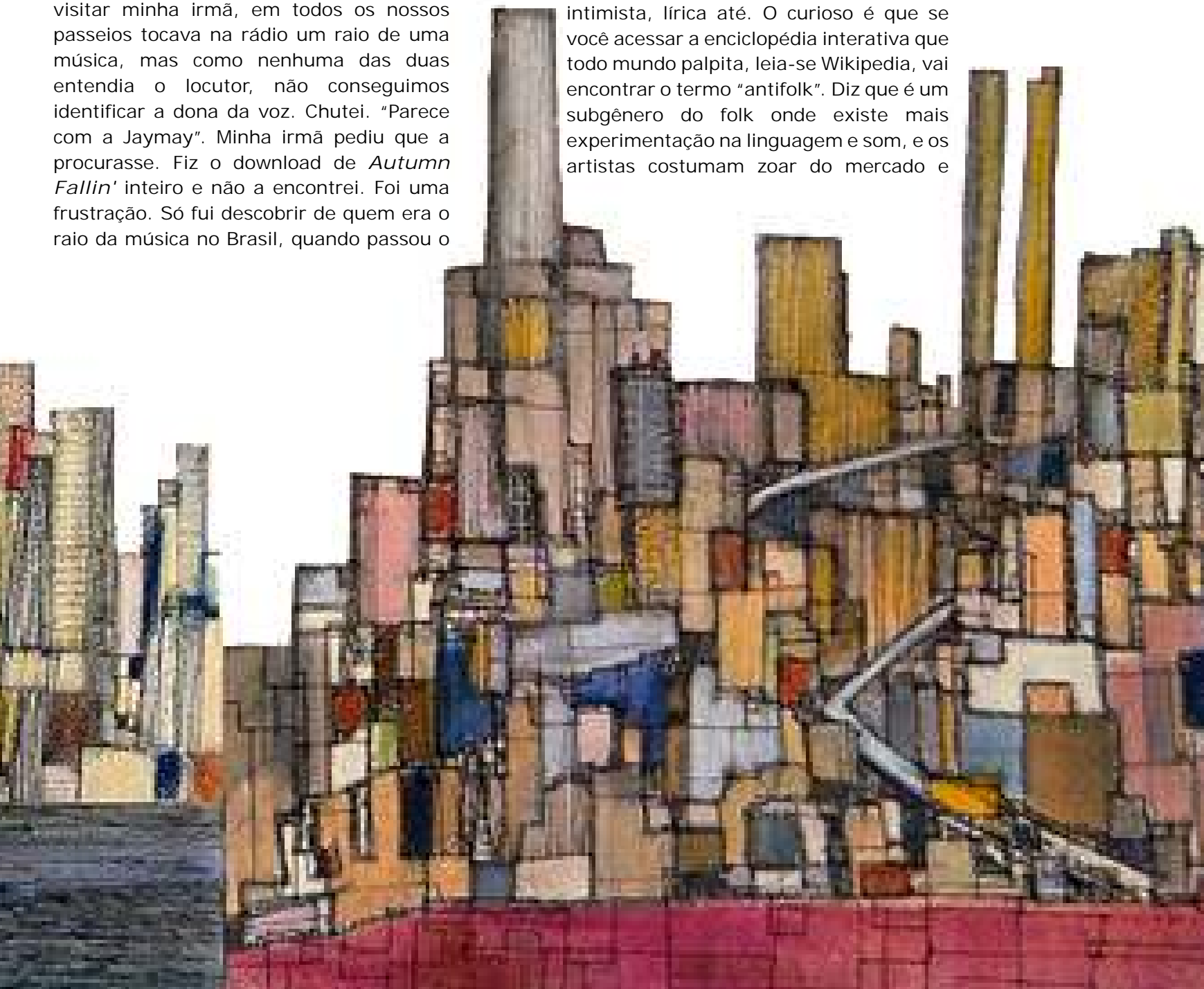
Quando estive no exterior para visitar minha irmã, em todos os nossos passeios tocava na rádio um raio de uma música, mas como nenhuma das duas entendia o locutor, não conseguimos identificar a dona da voz. Chutei. “Parece com a Jaymay”. Minha irmã pediu que a procurasse. Fiz o download de *Autumn Fallin'* inteiro e não a encontrei. Foi uma frustração. Só fui descobrir de quem era o raio da música no Brasil, quando passou o

clipe na TV. Era a Colbie Caillat e a música era *Bubbly*.

E o disco da Jaymay? Digo que foi uma redescoberta. Estava fazendo uma faxina no HD, eliminando discos de gente esquecida, mas não antes de escutar um pouco, para ter certeza. Lá estava ela na lista, mas o *Autumn Fallin'* voltou para o lugar original do HD. Era bom demais para ser descartado. Tornou-se, pouco tempo depois, um dos mais executados.

Antifolk?

Apesar da minha confusão, o estilo da Jaymay é bem diferente de Colbie. Seu trabalho é mais indie, minimalista, intimista, lírica até. O curioso é que se você acessar a enciclopédia interativa que todo mundo palpita, leia-se Wikipedia, vai encontrar o termo “antifolk”. Diz que é um subgênero do folk onde existe mais experimentação na linguagem e som, e os artistas costumam zoar do mercado e



deles mesmos. Soa parecido com o indie, não? De qualquer forma, há uma lista de artistas associados que inclui Beck, Regina Spektor, Kate Nash e também Jaymay.

O curioso é que nem ela própria se reconhece assim. "Eu não tenho idéia o que significa esse termo", disse se referindo ao tal subgênero. "Acho que os artistas não têm que se preocupar tanto assim em definir-se ou suas músicas uma vez que tantos outros já farão isso. Mas sou muito fã do Sidewalk Café e do Lach, o lendário homem que criou o termo antifolk".

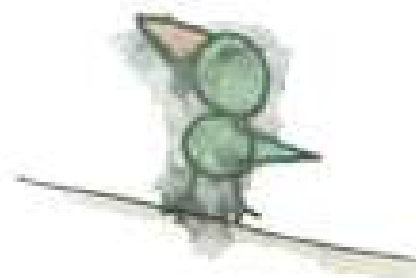
São considerações que tornam ainda mais inusitada a especulação apresentada na mesmíssima Wikipedia, onde aponta a passagem de Jaymay por Londres como um fato importante para o surgimento do tal movimento na capital inglesa. E-lê-lê! Por aquela terras, ela ficou 15 meses excursionando. "Mas nunca fiquei parada por mais de um mês, então... às vezes me sinto injusta em dizer que conheço outros países quando isso significa um café, o aeroporto, ou uma paisagem maluca da janela do hotel antes de cantar no palco e voar".

NYC

Para Jaymay, como toda cidade no mundo, Londres tem o

seu encanto, mas o seu lugar favorito é mesmo Nova York. No momento em que estava respondendo essa entrevista, ela revelou que olhava para uma grande área da cidade de Nova York, incluindo o rio Hudson, que dias depois serviria como pista de um pouso de emergência milagroso. "Mesmo que tudo isso esteja logo ali – 23 andares do elevador até a rua – sinto saudades. Logo, não deveria comparar essa cidade com outras porque ela é a minha favorita, e é como (Bob) Dylan disse, '*the same thing I would want today, I would want again tomorrow*'".

A cantora e compositora é da terrinha. O nome verdadeiro é Jamie Kristine Seerman, nasceu em 1981 e foi criada em Long Island. Começou carreira em 2003 percorrendo os locais indies e clubes da cidade. Para gravar seus



primeiros trabalhos no seu quarto, usou o computador e muita paciência por causa dos latidos de cachorros no prédio e na rua. Cresceu em popularidade com a ajuda da internet e todas suas ferramentas disponíveis. O primeiro EP, *Sea Green, See Blue*, figurou entre os 100 mais vendidos no iTunes.

O seriado *How I Met Your Mother*, que tem a metrópole como cenário e adora fazer odes urbanas a respeito, também deu o seu empurrão. "Sou grata que Josh Radnor (que interpreta Ted Mosby) de alguma forma escutou a música e a levou até os produtores executivos do show. Pessoas de todo mundo tem escrito para mim dizendo que me descobriram dessa forma. Ter uma música em um show de TV



realmente ajuda na exposição e aumenta a escala no iTunes”.

Outono

Apenas um disco foi lançado em sua já significativa carreira: *Autumn Fallin'*, em 2007. Antes, disponibilizou no mercado o EP *Sea Green, See Blue*. Há também singles, sendo que o mais forte é o outro hit *Gray or Blue*, trilha do curta-metragem *How I Say I Love You*, além de ter um clipe bem bacana estrelado por John Cusack.

Esses trabalhos chamavam atenção pelas canções sobre relacionamento e também pela tonalidade pastel que caracteriza a transição do outono para o inverno. Blue, em inglês, simboliza um estado de espírito melancólico, saudosos, meio depressivo. Assim como o cinza, o azul é cor recorrente na música. Em *Colour Confused*, por exemplo, Jaymay faz a descrição “*The sky is grey, my*



clouds are blue, very blue”. Há também muita sinestesia, e o tema de amor saudosos.

“Em 2003, as inelutáveis estações refletiram minha situação e o disco *Autumn Fallin'* nunca negou meu sentimentalismo através do tempo e amizades desfeitas”, explicou, “na verdade, foi definitivamente meu tema por um tempo – por bons anos”.

Literatura como inspiração

Ao que parece, essa maré saudosista, de amizades que se foram, deu lugar a espontaneidade e à literatura. “Nesses dias estou mais inventiva com meus personagens – roubando de livros ou de poemas ou de conversas ou de sonhos”. E não é com pouca coisa. Em seu blog do MySpace, lá está Jaymay escrevendo comentários a respeito de obras clássicas como *Anna Karenina*, de Tolstoy, do quanto estava entretida com a história.

“Recentemente escrevi uma canção chamada *Long Walk to Never* que é uma peça sobre o conto *Long Walk to Forever*, de Kurt Vonnegut. Provavelmente lançarei uma música chamada *Lamb to The Slaughter* que se caracteriza por parágrafos selecionados de um conto de Roald Dahl e também a conversa ritmada entre a esposa abandonada e os detetives:

_ *Pardon us ma'am, what's that in your hand?*

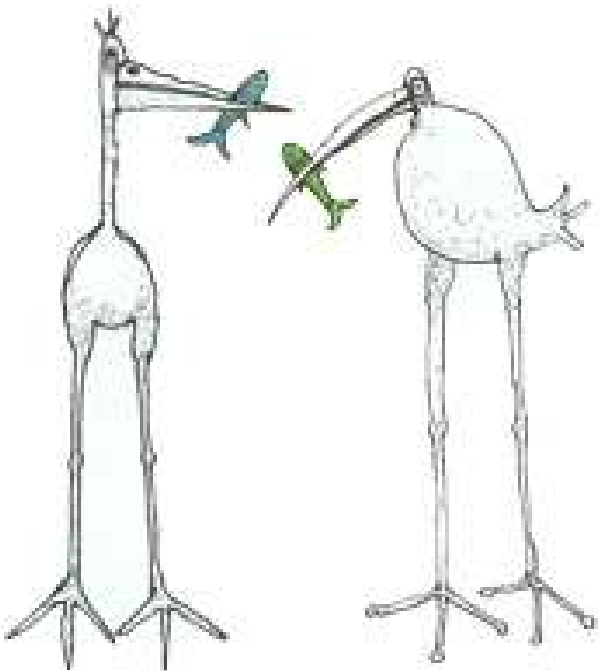
_ *Oh this? Nothing but one leg of frozen lamb.*

Na minha canção *Mr. Philippe*, pergunto pelo famoso equilibrista da corda bamba ‘on what wings dare He aspire?’, que é chupada de *The Tiger*, de William Blake. Primeiro ouvi falar a respeito de Philippe Petit por meio da coleção *The Art of Hunger*, de Paul Auster. Verão passado escrevi uma música chamada *Just Like That Robert Frost Poem* que é uma alusão ao poeta de *Fire and Ice*; e a música *Nothing Gold Can Stay* vem de um poema dele que descobri por meio da novela *The Outsiders*, de S.E Hinton. ‘*I'm the most terrific liar you ever saw in your life*’ é um verso da música *Solitaire* que tirei de *The Catcher in The Rye*, de J.D Salinger”.

Jaymay ainda garante que a lista é mais extensa.

Algumas dessas músicas talvez poderão ser ouvidas no EP *10 Under 2*, que ela deve lançar algum dia. “São 10 faixas com menos de dois minutos como se fossem canções improvisadas sobre verão, propostas de casamento, as cataratas de Niágara e o fracasso do Pinóquio”.

Agora se são dez músicas e Jaymay é uma compositora muito produtiva, por que não lançar um disco cheio ao invés de EPs? E a resposta dela foi com outra pergunta contundente: “por que não lançar dois EPs ao invés de um álbum?”.



geração 00

brasília



Brasília é a primeira cidade a ser visitada numa série de reflexões a respeito da geração 00, marcada por internet, surgimento do mercado independente e crises estruturais

“A geração 00 brasiliense fracassou”. Para o público de ocasião, essa é a verdade. Não conseguiu colocar no cenário nacional/comercial nenhum hit, ninguém, nem banda nem artista solo. São trinta anos da construção de uma tradição que começou lá atrás com Eduardo Dussek, que conheceu o auge com a Legião Urbana e o Capital Inicial (mas em outro momento), que ganhou novas perspectivas em figuras como a cantora Cássia Eller e a banda Raimundos. Existe uma gama maior entre aqueles que fizeram sucesso mediano, que figurou entre o comercial e o underground, como foi o caso da Natiruts, Maskavo Roots, Plebe Rude, Rumbora, Finis Africae, todos representantes das décadas de 80 e 90.

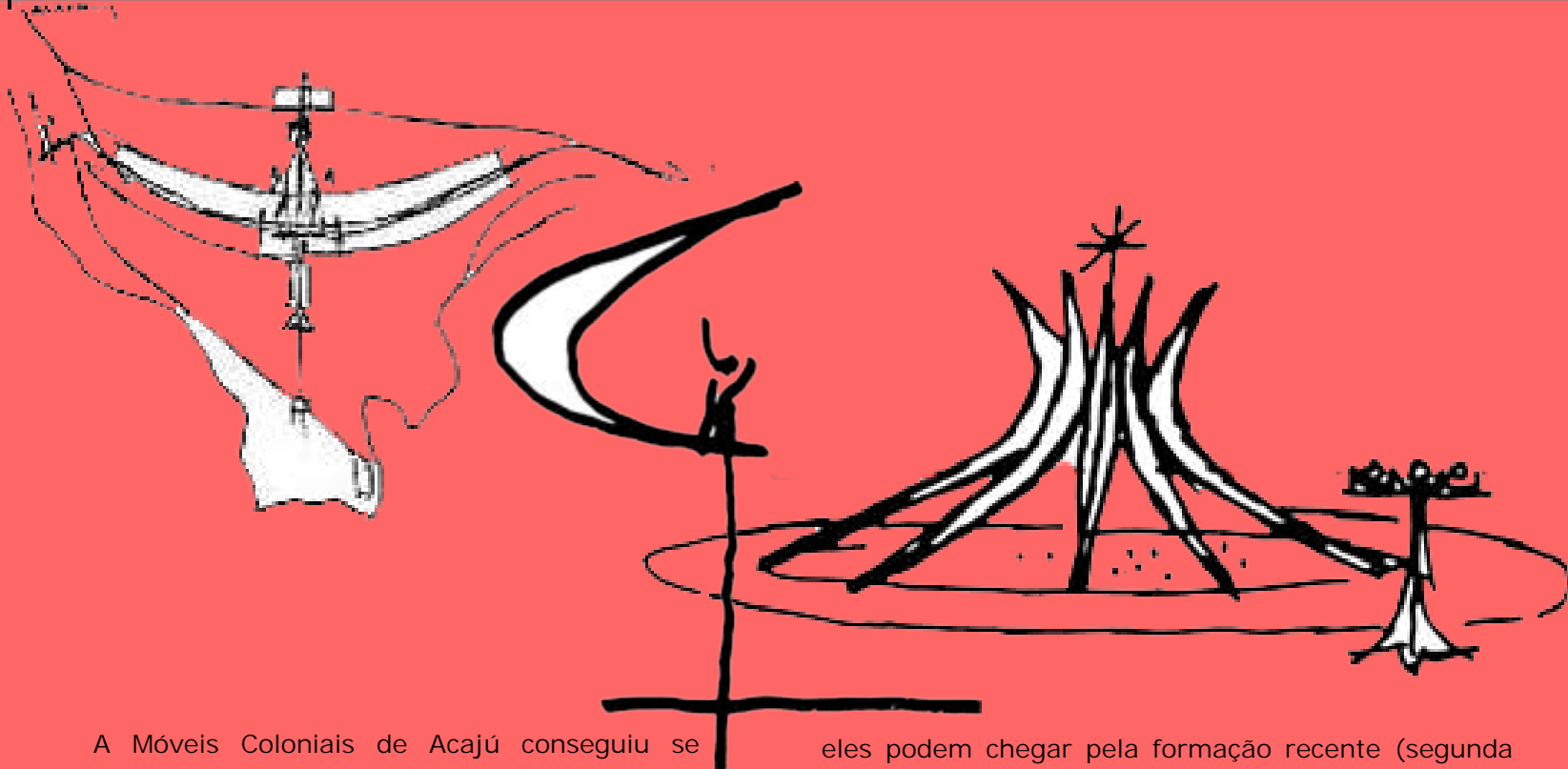
Daquele pessoal que transitou exclusivamente na esfera indie/underground, mas que fez sua história particular e virou referência, nomes surgem com facilidade: Little Quail, D.F.C, Detrito Federal, Os Cabeloduro e Death Slam. O problema é que não se pode dizer que o dito público de ocasião esteja errado. Oras, se a percepção deles está numa esfera comercial e a única coisa que se viu foi Rick & Renner (e o Hamilton de Holanda, mas ele e sua turma transitam numa outra esfera), onde costumava haver muitos mais no passado, alguma coisa não funcionou.

Quanto a essa geração que mais recentemente passou, a chamada 00, apenas a inusitada Móveis Coloniais de Acajú conseguiu transcender o indie e o underground, ainda que sem tocar de fato no

mainstream, e ficou conhecida de norte a sul do país. E tudo isso com um time de futebol em cima do palco.

Teorias e explicações a respeito do suposto fracasso são algumas. A primeira razão foi a crise da indústria fonográfica (e foi para todos), que passa pela ascensão da mídia fragmentária chamada internet, das trocas de arquivo em MP3, do fechamento de espaços, e mudanças nos velhos esquemas comerciais. Ao mesmo tempo em que o mercado “mudou de estilo” – ficou mais MPB, além de estabelecer a fórmula Pitty e CPM 22 de sucesso para o rock – a internet e as novas tecnologias deram visibilidade e facilitou a vida para que milhares de bandas e cantores pudessem mostrar seus trabalhos. Tantas que é simplesmente impossível absorver. Brasília, por sua vez, não conseguiu produzir um nome forte na MPB e nem uma Pitty.

Pior que isso, muita gente surgiu com a mentalidade de fazer seu nome numa única noite de festival. Chamo isso de “mito da consagração instantânea”. O palco mais desejado, no caso, foi o do consolidado festival Porão do Rock. E mesmo aquelas que conseguiram os aplausos entusiasmados, não souberam tirar proveito. Muitas bandas interessantes que tinham tudo para decolar, como a Prot(o), Bois de Gerião e Gramofocas ou não tiveram sorte ou não tiveram produção. Já outras acharam que se valer da amizade dos maiores divulgadores (leia-se Marcos Pinheiro, Fernando Rosa e produção do Porão do Rock) seria suficiente. Dançaram.



A Móveis Coloniais de Acajú conseguiu se destacar porque fez o contrário dos outros, a começar pelo estilo de música diferente de tudo feito na cidade. A primeira apresentação no Porão do Rock foi quase um fiasco de público – em plena luz do dia com uma arena enorme vazia – mas sucesso de crítica. Os integrantes aproveitaram as chances e investiram pesado em produção de shows: os deles próprios. Só quem já foi a algum que sabe a sensação. Procuraram agregar valores ao convidar bandas de sucesso. A princípio para abocanhar novos públicos, mas que depois essa lógica foi invertida. Chegaram ao ponto de fazer uma Los Hermanos, que vivia o auge da platéia fanática, virar banda de abertura.

Outro ponto interessante é que os integrantes até saíram da cidade para gravar o disco, mas Brasília continuou como uma grande base de sustentação. Ao invés de atrelar a imagem a jornalistas, fizeram uso dos serviços que esses profissionais poderiam prestar. Aliás, a palavra “profissionalismo” mostra todo o diferencial que a Móveis tem em relação às demais de sua geração. Cada integrante é responsável por alguma parte de produção, divulgação e contatos. Assim é formada uma verdadeira força-tarefa cujo objetivo é fortalecer. Hoje a Móveis é internacional.

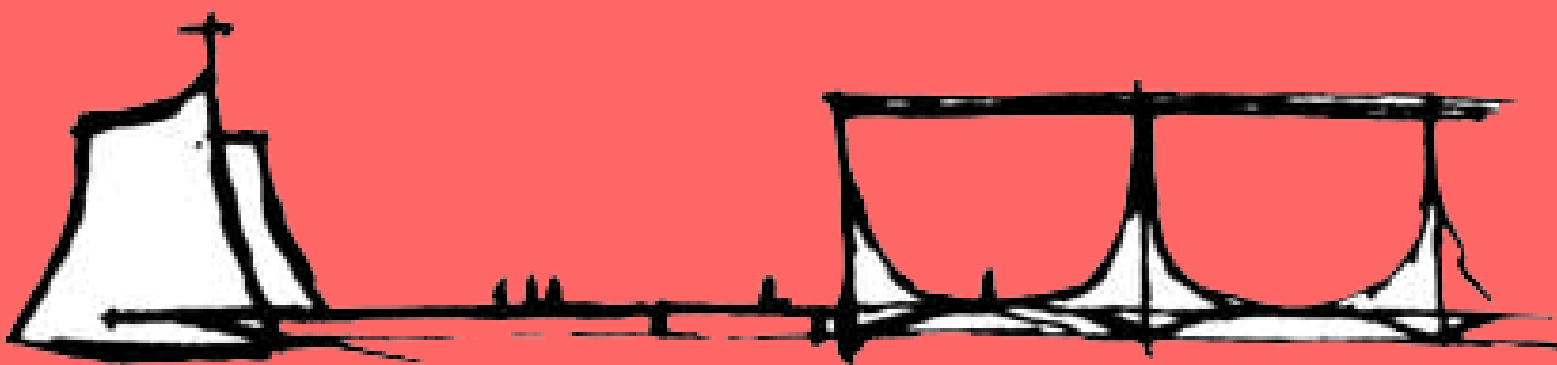
Outra banda, ou melhor dupla, que conseguiu alguma fama fora do DF, mas ainda não se sabe onde

eles podem chegar pela formação recente (segunda metade desta década) foi a Lucy And The Popsonics. A diferença entre a dupla e o time de futebol da Móveis é que a primeira investe muito mais e lobby e propaganda do que em qualidade musical. Os demais continuam transitando na esfera underground com mais ou menos sucesso. Várias bandas bacanas, com grande potencial, já nem existem mais.

Brasília há muito tempo deixou de ser capital do rock. Hoje a cidade vive uma crise causada pela diversidade musical e pela desagregação entre os diversos nichos, e seus produtores não souberam lidar com isso. Está aí outro grande problema que contribuiu para o enfraquecimento da cidade como cena. Mas a diversidade é na verdade um avanço. Vai caber a todos os envolvidos trabalharem para colher os benefícios que essa pluralidade pode trazer. Se isso não acontecer, corre-se o risco da geração da década de 10, essa que está se formando agora, minguar. [D.A]

Outras bandas da geração 00 de Brasília:

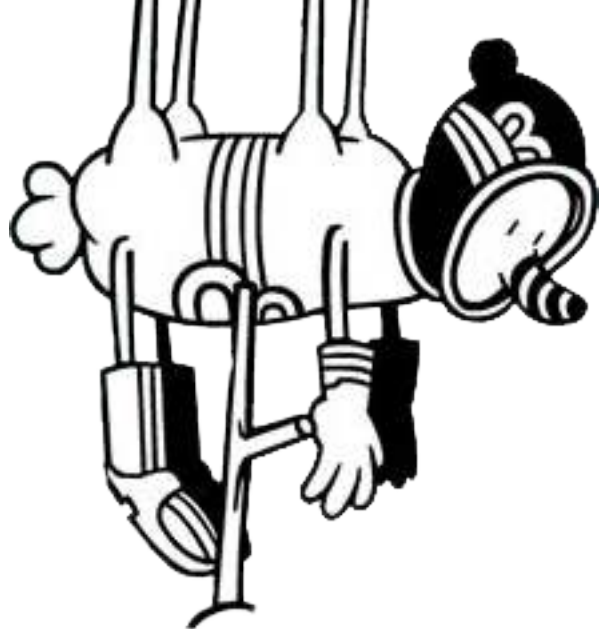
Megafone, Phonopop, Macakongs 2099, Superego Elvis, Mata Leão, Sapatos Bicolores, Sub-Versão, Porcos Limpos, Bulimia, 10Zero4, Pulso, Sentupé, Máquina Du Tempo, Mansão Jacobina, Nancy, Capotones, Jack Fluster, Suíte Super Luxo.



o senador medinha



Djenane Arraes
Fotos: Flickr do Medina
Ilustrações: Diego Medina



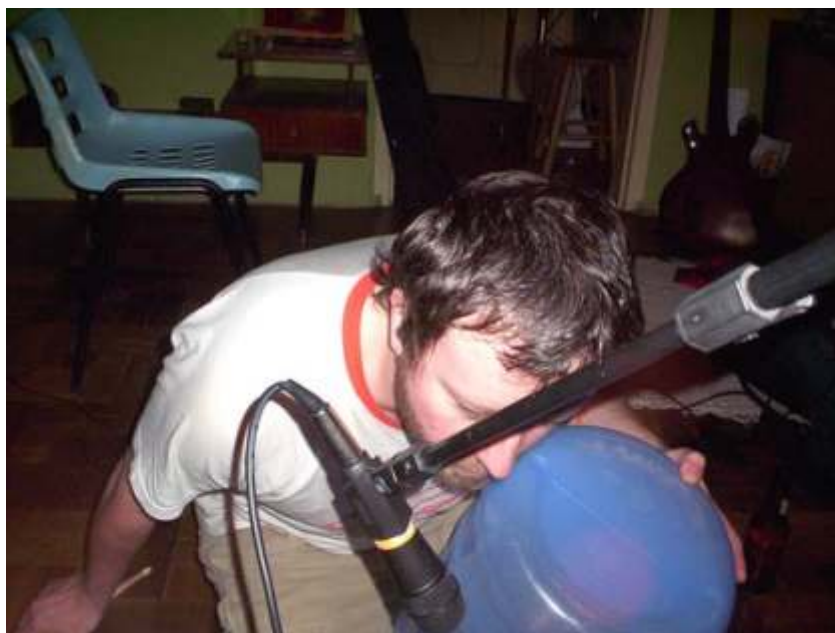
- _ Tá me vendo?
- _ Necas.
- _ Tá me ouvindo?
- _ Só ruídos.
- _ Pô, com o Skype é beleza. E agora?
- _ Continuam os ruídos, mas espera aí que o Skype já está baixando.
- _ Vou reiniciar o computador – dois minutos depois – Tá me ouvindo?
- _ Nem vendo e nem ouvindo.
- _ E o Skype, quantos por cento está?
- _ Já baixou... é que o computador está dando uma travada.
- _ Ai, essa tecnologia!

Não é propaganda da Skype. O diálogo acima foi o que antecedeu a entrevista com o cara da propaganda da cerveja Polar. Não sabe? Uma bem engraçada que zoa com cariocas, paulistas e até baianos. Patrocina o clássico Gre-Nal, sabia? Está no Youtube, é só procurar.

É que o músico e designer Diego Medina anda sendo mais reconhecido pelo personagem bem humorado da propaganda da Polar do que por seu trabalho na saudosa Vídeo Hits e demais projetos musicais ou por suas ilustrações. “Tem pessoas que me param na rua para perguntar se sou o cara da cerveja ou para dizer que sou muito parecido com 'ele'”, disse Medina. Quem é que pode competir com a TV?

A Vídeo Hits foi o trabalho musical mais conhecido de Medina, a sua “ovelha negra”, como ele mesmo definiu pela singularidade em ser a única banda arrumada, pop, que gravou disco e tudo mais em toda sua carreira. Disco desse projeto foi apenas um, *Registro Sonoro Oficial (produzido com todo amor desse mundo só para você)*, e isso nos idos 2001 no boom do rock gaúcho como inaugurador da cena indie brasileira. Quando a banda estava preparando o segundo disco, ela acabou. Ainda houve espaço para lançar uma demo (hoje rara) e o que se poderia dizer “filha única acabada” que foi a música *Perdido e Meio*, trilha do filme *Houve Uma Vez Dois Verões*, de Jorge Furtado.

Engana-se, no entanto, quem pensa que Medina ficou parado. Quase todo ano ele lança um disco, em especial com o projeto Os Massa. Projeto? Está mais para um grupo de amigos que se reúnem para beber, falar um monte de besteiras, fazer umas improvisações e registram tudo em

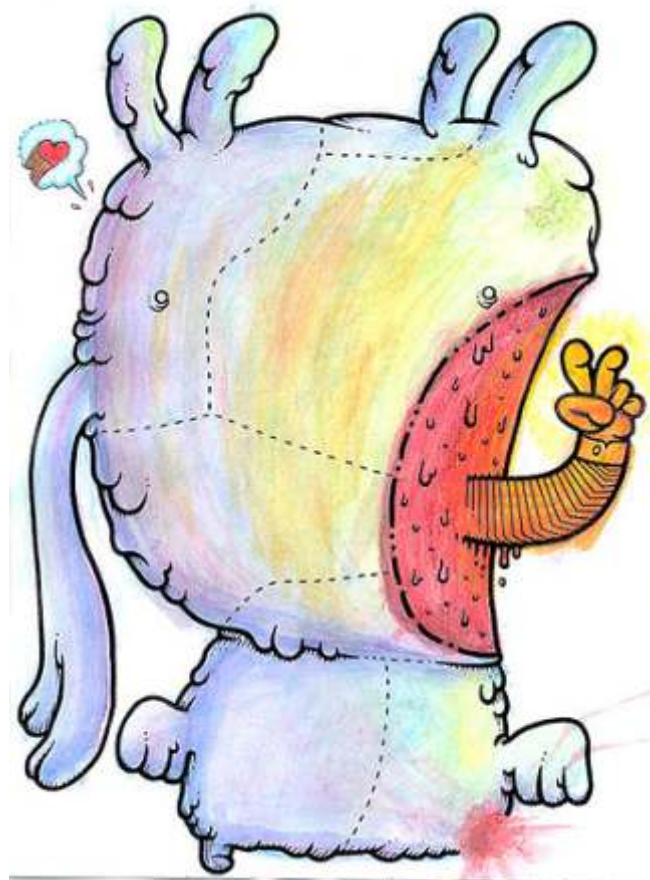


forma de disco. “Quem tiver saco para ouvir, que ouça. Tem gente que vai achar chato e outros podem achar graça. O negócio dOs Massa é o momento”. Todo material está disponível na internet no site www.sumadiscos.com onde você poderá ter acesso também aos demais projetos musicais. Há, inclusive, as tentativas de tornar Os Massa uma banda pop com os *Demo Pop 1 e 2*. “Foi um momento que quis fazer uma coisa arrumada, bonitinha, e não deu certo. No final das mixagens, eu já estava estressado. Ninguém dOs Massa é músico, sabe tocar bem e muito menos um virtuose. Eles chegaram para mim e disseram que eu estava viajando já que a proposta desde o início era se divertir. Os Massa nunca foi projeto para ser pop e nunca será. Quando caiu a ficha, parei de me encucar com isso”.

A mesma Suma Discos – espaço, aliás, criado pelo Medina – também traz outros trabalhos com uma produção melhor e proposta, que é o caso do *Senador Medina* e o *The Medina Brothers Orkestra*. Discos aparentemente ignorados pela crítica e a imprensa local por alguma razão. “Às vezes mando o material para os jornais, com release e referências à Vídeo Hits, mas tive pouca coisa publicada. Então fiquei meio escondido. As pessoas precisam garimpar na internet para me achar”. Diego Medina contou ainda sobre pessoas que pediam para serem aceitas como amigo dele em espaços tipo o Myspace e costumavam contar que acompanhavam sua carreira na Vídeo Hits. Era uma coisa que o chateava, mas que depois ele também aprendeu a deixar pra lá.

O fato é que esse esquecimento da mídia – por pouco caso, simpatia ou questões editoriais – fazem alguns bons trabalhos caírem no anonimato e no esquecimento, ao passo que a promoção do mais do mesmo apenas se propaga. Não é apenas por ser o Medina, mas existe uma certa incoerência em exaltar um trabalho de um determinado autor num momento em que ele está amparado por uma grande gravadora, ou editora por trás, para logo em seguida esquecê-lo porque ele deixou aquela condição. Isso vale tanto para aquele fanzine que passa a detonar e ignorar o artista antes elogiado porque ele atingiu o mainstream, quanto para a grande mídia que só enxerga um determinado horizonte e não tem o menor interesse em acompanhar carreiras e obras. Isso gera monocultura em ambos os lados, até porque poucos são o que propõem a caminhar e dar valor ao que acontece entre esses dois pólos: underground e mainstream.

Num certo momento, o bate-papo com Diego Medina acabou caindo na polêmica dos prejuízos dessa monocultura. “Vejo muito aqui no Sul que o pessoal faz ou o punk, ou alguma coisa parecida com Los Hermanos, ou popezinho de letras babacas, ou aquele mesmo roquezinho gaúcho de sempre. São imitações e



mais imitações de Cascaveletes, Replicantes, que eu particularmente não gosto, e já está supersaturado. No final da década de 80 já estava assim. É o mal daqueles que só ouvem um tipo de música e ficam eternamente reproduzindo aquilo. A maioria das pessoas nem procura mais em ser criativa e já tem a mentalidade voltada para ficar inserida naquela fórmula do esquemão batido”.

Ao menos no Kassin gosta de você, Diego!

Isso foi uma entrevista publicada na internet onde o músico e produtor Kassin cita o trabalho do Diego como uma das coisas interessantes que ele ouvia naquele momento. Uma observação devidamente repassada. “Uma opinião do Kassin é coisa que vale muito. É um cara que conhece o meu trabalho desde as minhas demos de 94 e sabe da minha luta. Então quando ele diz que curte o meu trabalho, é um verdadeiro elogio”. Na página da Suma Discos é possível encontrar registros de *Diego +2*, uma referência ao projeto +2 de Kassin, Moreno Veloso e Domênico (que faz parte da turma dOs Massa também). A gravação é de 1999 e desde lá que se podia ouvir as canções mais conhecidas como *Vo(c)*, *Perdido e Meio*, *Louco Por Você* e *Bomba*.



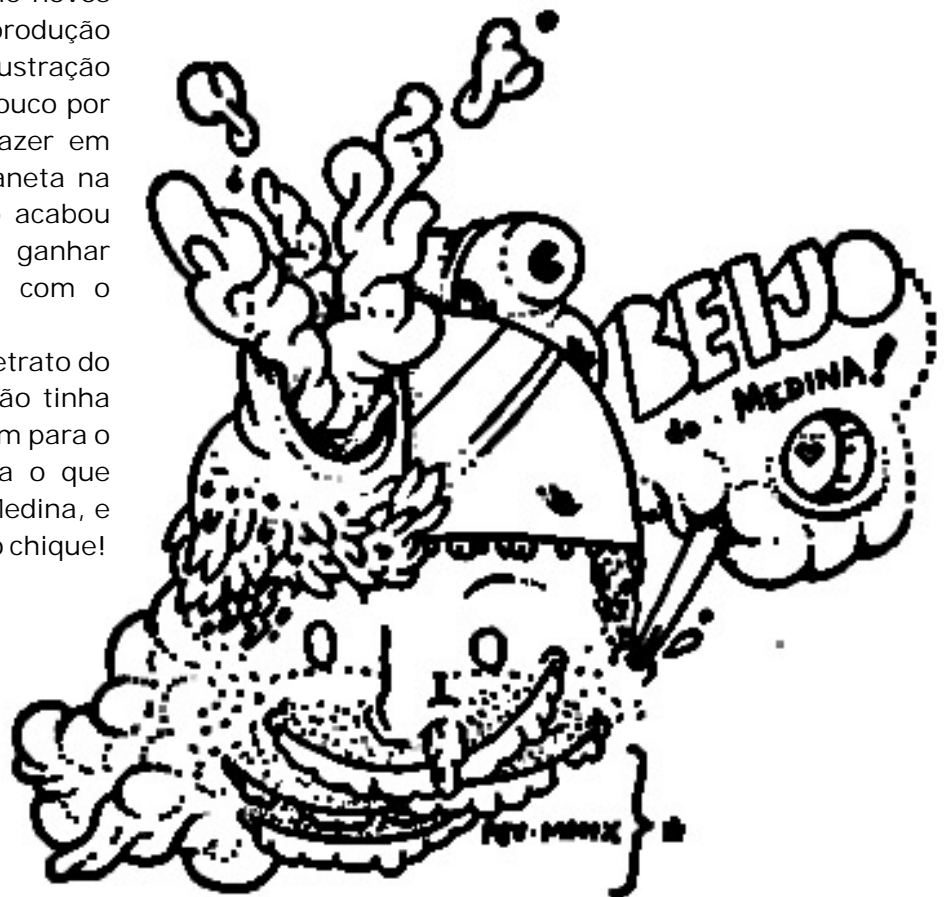
O ilustrador

Mas não é apenas na música (ou na propaganda da Polar) que Diego Medina se destaca. O trabalho de ilustração dele é um barato e já apareceu nas páginas das revistas MTV, a antiga Bizz, Superinteressante, Zero. Só nas páginas da Folha de São Paulo foram por três anos. O curioso é que ele foi chamado para trabalhar com o Grupo Folha por causa de um concurso para ilustradores do qual ele sequer foi finalista. "Depois de um tempo eles me telefonaram perguntando se eu não queria trabalhar com eles. Eu disse 'mas é claro!'. O barato de trabalhar para a Folha era que eles davam muita liberdade para a gente poder desenvolver o nosso trabalho e usar mesmo a criatividade. Não me lembro de uma vez que eles tivessem rejeitado alguma ilustração por ser agressiva demais ou coisa parecida. Foi muito legal".

O estilo do Diego, como pode ver nos exemplos dessa matéria, é o psicodélico. Mesmo dentro de uma estética manjada, Diego conseguiu encontrar um traço próprio, que o caracteriza como artista. Lógico que a sua modéstia nega esse tipo de conclusão, quando diz que tem muita coisa de várias pessoas e que o seu trabalho é nada original. "A questão é que eu adoro o trabalho animado do Yellow Submarine, dos Beatles. E nem é porque se trata dos Beatles, mas porque o tipo do traço pop psicodélico é muito bonito.

Medina não é apenas admirador do desenho clássico, como também um pesquisador. Confessou que costuma revirar a internet a procura de novos nomes e estilos, assim como acompanha a produção de seus artistas favoritos. "Sou louco por ilustração acho que quase do mesmo modo que sou louco por música, pelo menos no sentido de ter prazer em ouvir música. Sempre que estou com a caneta na mão, rabisco alguma coisa. E a ilustração acabou virando um trabalho também. É ótimo ganhar dinheiro com isso. É unir mesmo o útil com o agradável".

Para essa entrevista, pedi um auto-retrato do Medina ao seu estilo. Ele confessou que não tinha nenhum, mas prometeu (e cumpriu) fazer um para o Elebu. Logo, encerro aqui apontando para o que pode ser o primeiro auto-retrato de Diego Medina, e logo mandando um beijo para o zine. É muito chique!



Marcelo Mendes

Oi, Tudo Bem?

Marcelo Mendes é um parceiro de longa data (dos tempos de UCB), e desde aqueles idos anos, a minha crítica em relação ao seu trabalho mudou muito pouco: como cantor, ele é um ótimo compositor. Marcelo sabe disso muito bem, virou um mantra até, quase uma piada interna. É estranho repetir um comentário já devidamente passado ao autor (e principal interessado) para quem mais quiser ler, mas vamos lá sem medo de ser feliz.

O EP *Oi, Tudo Bem?* está disponível virtualmente pelo site www.osarmenios.com.br São cinco músicas, três de autoria o próprio, uma versão da Repolho e uma última de Luciano Mendes. A produção e a mixagem foram de Nery Bauer e a masterização de Marcelo Birck.

Sempre digo ao Mendes para refinar melhor, as músicas que ele faz mereciam um pouco mais de produção. Trata-se de um trabalho interessante que não apenas tem forte influência de Erasmo Carlos, como parece continuar o desenvolvimento do estilo. Mas ele faz o contrário e investe em algo minimalista extremado. Tanto que *Oi, Tudo Bem?* parece ter sido registrado pelo gravador de fita magnética. Como dizem por aí, "o importante é ter saúde".

Agora o lado compositor continua em boa forma em canções românticas que seguem a tradição brega, e não apenas da Jovem Guarda, mas de toda aquela geração malvista dos anos 70. Só não fala de empregada e em tirar a mulher amada daquela vida carnal/comercial. "Pela janela do meu carro/ vejo as flores do jardim/ obviamente você não está lá/ mas há gotas de orvalho/ gotas de orvalho são tão bonitas/ principalmente quando refletem o sol...".

E para prestigiar uma parceria musical recorrente, Marcelo ainda faz uma releitura de *Os Desafinados*, da Repolho. A única diferença é que na versão original que enquanto os irmãos Panarotto afundam o amor no lago Guaíba (sim, o Guaíba é um lago), o Mendes, como bom brasileiro, afunda no lago Paranoá.

Não é a EP que você diz "nossa, é o máximo". Acho que *Oi, Tudo Bem?* é um daqueles trabalhos em que se enxerga um potencial imenso, só que, por alguma razão, esse não é bem o objetivo do autor. De qualquer forma, dá para se divertir bastante. [D.A]



Club Silêncio

Baladas Modernas

Mestre dos Magros

Na Chapa ou no Alumínio

A banda Mestre dos Magros é um quarteto de São Paulo formado por Fábio, Fabrício, Eduardo e Pedrinho. Existe desde 2001 numa reunião de colegas de escola que já tinham integrado outras bandas antes. Desses, o guitarrista Fabrício é o mais novo integrante (desde 2007). Neste ano, o quarteto lança o primeiro disco *Na Chapa Ou No Alumínio*, disponível no myspace.

É bom? Diria que o disco da Mestre dos Magros poderia receber vários clichês das críticas destrutivas e não seria sem razão. Se fosse uma banda mais nova, ainda daria para aliviar, dizer que falta experiência e referências, que o som ainda não estava amadurecido suficiente. Mas são oito anos de trabalho de pessoas que não são mais adolescentes.

As músicas são ruins. As letras falam do cotidiano de adolescentes de classe média sem muito que fazer e, aparentemente, pensar. Há uma séria referência ao estilo Raimundos nas letras, mas com uma diferença fundamental: quando os brasilienses ficaram conhecidos, além da novidade, tinham o mérito de fazer um som original e bem produzido. Originalidade não é o caso da Mestre dos Magros, que faz punk rock sem atrativos.

É aquela alusão ao vôlei: se o passe sai ruim, o levantador tem que, ao menos, colocar uma bola em boas condições na ponta. Isso se traduz da seguinte forma: se não há possibilidade, por alguma razão, de produzir algo diferenciado, ao menos tenha competência e faça o feijão com arroz bem feito.

Agora não se pode dizer que a galera do Mestre dos Magros não é boa de piada. Na página oficial da banda, colocaram na parte de "semelhantes", Los Hermanos e Chuck Berry. Só pode ser sacanagem. [D.A]

De Brasília vem o quarteto *Club Silêncio*, uma das novas investidas do incansável Fábio Pop, que é uma dessas figuras da cidade que se envolve em vários projetos. Já participou de alguns muito bons, mas que não deram certo, e de outros de qualidade questionável. No caso do Club Silêncio, o produto que circula no mundo virtual em avaliação aqui é o EP *Baladas Modernas*.

O som flerta com o eletrorock e daqueles para baladeiros em pista de dança. É forte, interessante, bem construído e superior ao similar conterrâneo do tamagochi especialista em propaganda e lobby. Se fosse mais instrumental e investisse em arranjos vocais como nas excelentes *Pai, Amante & Psicólogo* e *Obina (Revelação)*, diria que a banda chegou no ponto bacana. Mas essa mania de querer cantar mesmo quando não se tem uma pessoa interessante suficiente para o trabalho... esse é o ponto fraco da Club Silêncio.

O EP está disponível para download gratuito no site oficial do quarteto (www.clubsilencio.com.br). Vale à pena dar uma olhada. [D.A]

Aerocirco

Não Leve a Mal

O caso aqui é single. A catarinense Aerocirco lançou mês passado *Não Leve a Mal*, música que dá nome ao novo disco. Coisa fina com direito a show e distribuição de cartão com senha para baixar a música no site www.panelavirtual.com.br (também é possível pedir o código por e-mail).

Que a Aerocirco é uma banda consolidada no cenário catarinense pela organização e qualidade, é fato. Mas ainda não tinha feito um "chicletão" tão interessante e agradável. *Não Leve a Mal* é música que tem clima dos anos 60 sem medo de ser feliz. O alívio por uma relação rompida norteia o single. "Não leve a mal se eu me sinto bem/ e que estar só, vi que é bom também/ não leve a mal se eu estou feliz". Remete a idéia do hit do Nervoso, *Já Desmanchei Minha Relação*, mas tem jeito e olhar diferentes.

Felicidade é ouvir uma música boa assim.

[D.A]

os deles são melhores que os nossos

por Eric Lovric

“Ai, os desenhos animados de hoje são uma droga. Bons mesmo eram os da minha infância.”

Paia.

Há os que discordem. Há os que discordem de veras. Mas a verdade é que temos propensão a gostar para sempre daquilo que nos foi apresentado como sendo supimpa em nossa infância. Nos pega numa idade tão tenra, que não temos como nos defender. E depois que a coisa grava no cerebelo, não conseguimos nos livrar nunca mais, por mais que tentemos. Covardia braba. E olha que tem instituição que faz uso desse estratagema há dois mil anos.

Popeye, Pernalonga, Pica Pau e companhia são duca. O apelo desses personagens é inegável. Tanto

que resistem ao pó do tempo e dão duas casas de audiência até hoje, quando tirados da gaveta e jogados no horário nobre. Nesse aspecto, é possível debater se os desenhos antigos são melhores que os de hoje ou não. Mas acontece é que esses desenhos, não são de fato “os da nossa infância”. Verdade que eram exibidos enquanto comíamos Sucrilhos e tomávamos Ki-suco, mas haviam sido produzidos muito tempo antes. Vinham num pacote, junto com os desenhos produzidos nas décadas de 70 e 80. Esses sim, são os desenhos “da nossa infância” aos quais me refiro. Esses sim, são em sua grande maioria, lixo.

Tomemos por exemplo um dos melhores e mais populares; a *Caverna do Dragão (Dungeons and Dragons)*. Começou como um jogo de tabuleiro conhecido pela comunidade nerd. No início dos anos 80, algum capanga de gravata deve ter visto a oportunidade de ficar mais rico e comprou o uso dos direitos da TSR para criar uma série animada para a televisão. Fizeram 20 capítulos. A recepção foi morna e a série morreu. Aqui, se tornou o desenho mais popular de toda uma geração. Desisti de formular quaisquer teorias sobre o sucesso avassalador da série. Resolvi arquivá-la sob “Síndrome de Faith No More”, que também fez um sucesso estrondoso por aqui e nos lá nos EUA, nem tchuns.

A abertura do desenho (que a Globo nunca



mostrava) explicava como os pivetes acabaram naquele cafunfô. História meio mal contada... Entravam numa montanha russa num parque de diversões e no meio do caminho eram transportados para o mundo do Vingador. Mas a história do por quê a trama não tinha pé nem cabeça começa uns trinta anos antes, com a invenção da televisão.

Até o final da década de 50, desenho animado era feito para o cinema. Os grandes estúdios (Warner, MGM, Disney, Universal, etc.) haviam adotado a prática na década de 30, fazendo curtas de 7 minutos que antecediam os filmes. Foi nesse esquema que surgiram *Popeye*, *Pernalonga*, *Pica Pau* e patota.

Mas daí veio a televisão. E com ela, a necessidade de conteúdo. E os grandes estúdios começaram a empacotar tudo o que haviam feito até então e vender para a TV, o que nos leva a pensar que os estúdios encheram os orifícios de dinheiro. Sim, mas nem tanto, pois num primeiro momento, a popularização da TV esvaziou as salas de cinema, o que gerou crise financeira nos estúdios e um a um, os estúdios foram fechando suas divisões de animação. Salvo Disney, que se manteve operante, porém, apenas fazendo longas metragens, quase que exclusivamente.

Houve uma diáspora. Conforme os estúdios

iam fechando, os animadores recém desempregados iam se virando como podiam. Quando a MGM fechou sua unidade de animação em 1953, Tex Avery, por exemplo, foi trabalhar para Walter Lantz, o criador do *Pica Pau*. A partir de então, já é possível notar uma queda na qualidade, pois Lantz já tinha contrato de produção com a TV (Universal), que oferecia muito menos dinheiro por minuto de desenho animado.

Já William Hanna e Joseph Barbera, criadores e diretores do *Tom e Jerry* nos últimos vinte anos, capitães da outra unidade de animação da MGM, quando se viram desempregados, ao invés de procurarem trampo em outro lugar, criaram o próprio estúdio e o batizaram com seus próprios nomes. Foi a maior fábrica de desenhos para TV de todos os tempos.

E o problema de conteúdo para a TV persistia. Então, um desses capangas que usava gravata e trabalhava para a indústria do entretenimento teve a brilhante idéia de procurar os animadores, quase todos desempregados, para que eles produzissem animações estritamente para a TV. Os amigos do capanga acharam a idéia supimpa e abraçaram-na.

E então a arte e criatividade deram lugar ao lucro fácil. Os animadores eram contratados para desenvolver conceitos imaginados por executivos.



Geralmente algo que pudesse facilmente ajudar a vender brinquedos ou cereais, ou camisetas ou qualquer outra bugiganga em que se podia pensar. Por três décadas essa foi a realidade da produção dos desenhos animados. Houve exceções. Muitas em números absolutos. Mas em proporção ao total produzido, jamais houvera tanta coisa tão descartável.

Caverna do Dragão é uma das exceções. Talvez por isso tenha feito tanto sucesso, ainda que no subúrbio. Talvez as crianças tenham percebido um "q" de sinceridade. A série era muito mais sombria que os desenhos habituais e tinha roteiros acima da média. Mas estava dentro da realidade dos anos 80. Por isso, é impossível acreditar que a versão do último episódio da série que vem circulando na internet seja verdadeira. Desenhos da década de 80 não tinham final pelo mesmo motivo que não tinham pé nem cabeça. Porque eram produtos, não histórias. As únicas pessoas que se preocupavam com o que acontecia com os personagens eram os criadores e os fãs. E nenhum dos dois estava no comando então.

Veio a luz. Em 1987, o maluco Ralph Bakshi, que já tinha feito animações adultas para o cinema na década de 70 (*Senhor dos Anéis* e *Fritz de Cat*), ressucitou o *Super Mouse*. É, aquele mesmo, o ratinho mala da década de cinquenta. Mas dessa vez as histórias eram bizarras, os personagens, insanos. Claro, porque Ralph conseguiu convencer a CBS a contratar todos os artistas que não estavam satisfeitos com o modo com o qual desenhos

animados estavam sendo feitos. Logo, um bando de renegados sob o comando de Bakshi e Kricfalusi (criador de *Ren and Stimpy*) devolveram a anarquia aos desenhos animados.

O sucesso de *Mighty Mouse* levou a Warner a reabrir os seus estúdios nos mesmos moldes, com *Tiny Toon Adventures*. Depois veio *Animaniacs*. Depois, a Cartoon Network, que inaugurou os anos 2000 com seu próprio elenco de personagens.

Os cartunistas e animadores dos anos 60, 70 e 80 penaram. Foram anos difíceis. Entendo que tenham feito o que podiam, onde estavam com o que tinham. Logo, comparar qualquer episódio de *He-Man*, *G.I. Joe* ou *Meu Querido Pônei* com *Laboratório de Dexter* ou *Meninas Super Poderosas* é covardia. Porque os primeiros foram pensados com o fim de fazer grana, enquanto os últimos foram expressões artísticas com grana como consequência.

Pena da minha geração. Crescemos envoltos em corporativismo, onde toda a fantasia estava sob tutela capitalista. Toda geração tem o seu perrengue. Para quem gostava de desenhos, esse com certeza foi um. Animação é para mãos de cartunistas, não de executivos.

Enforcem os *Ursinhos Carinhosos*. Longa vida ao *Bob Esponja*.



estação suicídio

olhe

Rúbia Cunha

Parece que a moda de vampiros nunca se esgotará. Podemos ver jogos, livros e filmes inspirados na temática. Com tantos sanguessugas buscando essa veiazinha de ouro, os escritores precisam rebolar para trazer algo não tão batido e que fuja do estigma, "Ah! É só mais uma estória de vampiros".

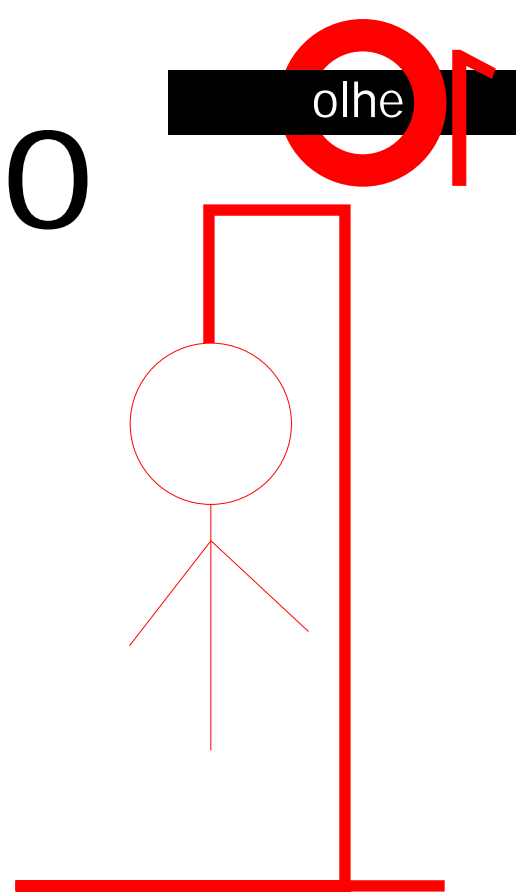
Bom... Parece que Stephenie Meyer, encontrou uma fórmula para fugir do clichê e para agradar os pais tão preocupados da violência gratuita e sexo como meio de conversa que vinha se tornando vias de regras na temática. *Crepúsculo* (*Twilight*, EUA, 2008) ganhou sua versão para as telas de cinema.

Sei que é notícia velha, que devia ter procurado algo mais digno, mas sabe quando se dá o azar de ver apenas o final de um *trash* de vampiros colombianos e ainda por cima, não conseguir o nome do filme para rever, nos canais pagos? Esse foi o meu azar.

Voltando ao assunto da moda vampiresca, a diretora Catherine Hardwicke (*Os Reis de Dogtown*), reuniu Kristen Stewart e Robert Pattinson para ser o casalzinho da vez entre os adolescentes. Quando vi a sinopse do filme, soltei meu comentário sarcástico de que era mais um filme vampiresco no estilo Romeu e Julieta... Mordi minha língua. Era pior.

Kristen atua sob o nome Isabela "Bella" Swan... É! Pelo jeito o nome Swan vai virar moda para as mocinhas dos filmes. Não bastando isso, de "Bella" ela não possui nada, ao menos para o meu ponto de vista. Achei-a tão comum, tão sem atrativos para despertar a veneração do Edward Cullen, vampiro *teenage* do Pattison, que poderiam dizer que estou sendo despeitada.

Não estou! A atriz é o famoso prato feito com o tempero do dia a dia. Não fede e nem cheira. Sua atuação é no melhor estilo Pepe LePew. Estou falando sério! Ela é a versão feminina que se apaixona e persegue o coitado do rapaz. Só faltou ver os pulinhos e o vampiro correndo desesperado para fugir dela.



Já o vampiro... Para um adolescente, ele é agradável de olhar, o famoso bonitinho, o que poderia explicar o histerismo da garotada. No final das contas se torna divertido, mas... O filme não tem nada haver com Romeu e Julieta, na verdade nem chega perto.

A família vampiresca aceita a humana entre eles, bom... Nem todos, mas aceitam, e até fazem programas familiares com ela no meio deles. O romance do casal me lembrou muito as crianças quando começam a gostar de alguém, e olha que a faixa etária está diminuindo para os simples, andar de mãos dadas ou abraçadas e dar bitoquinhas. Os poderes são bem diferenciados, o que me lembrou RPG (*role-playing game*), a família Cullen é vegetariana, leia-se nessa parte que eles se alimentam de animais... Tá isso não é estranho! Eles andam de dia, isso me lembrou Drácula, mas não podem andar em dias ensolarados e é aqui que quase morri incrédula.

Os fãs de *Crepúsculo* que me desculpem. Tá certo que a Meyer quis fugir do clichê, mas fazer os vampiros brilharem?

Ok! Pode trazer agora a pista da discoteca e pendurar os Cullen, pois não precisamos mais de locais escuros para termos nossos globos espelhados.

c r u s c u o

sangue novo no Sul

**baxada
nacional**

Produtora gaúcha formada por gente de todo país desponta como uma promessa de cinema bom e bonito

Djenane Arraes

Do que o cinema nacional precisa? Dinheiro, incentivo, interesse, distribuição... respostas que estão na ponta da língua de qualquer profissional do meio. Curioso é que poucos falam da importância da renovação. De injetar no mercado sangue fresco, uma nova forma de pensar, de estéticas. Se os velhos cineastas e carinhas globais não abrem caminho, há uma galera jovem, recém-saída da universidade ou até mesmo ainda cursando, que abre caminho na base de alguns "chega-pra-lá". Matheus Souza, estudante da PUC-RJ, emocionou na Mostra da São Paulo do ano passado com o longa *Apenas o Fim*, que traz ao cinema nacional Nick Hornby, Kevin Smith, cultura indie e quadrinhos.

No Sul, há também a galera da Baxada Nacional Filmes que já produziu curtas elogiados no Festival de Gramado. São cinco sócios na produtora de quatro diferentes Estados e regiões do país: Filipe Barros e Leonardo Maestrelli (do Rio Grande do Sul), Fabrício Cantanhede (Mato Grosso), Eduardo Rosa (Bahia) e Lucas de Andrade (Rio de Janeiro). Desde 2006, esse grupo já produziu vídeo clipes, comerciais, curtas-metragens e documentário, com uma proposta estética muito interessante. "Independente da grandeza e da característica do trabalho, tentamos realizar sempre o que acreditamos ser o melhor. Isso vem também do fato de cada um de nós exercermos funções distintas como equipe, então acabamos por buscar a excelência dentro de cada área, seja fotografia, edição, direção, etc. E nos cobramos isso, uns dos outros. Mas isso não nos ilude e nem nos limita, sabemos que há muito a aprender e evoluir", disse o carioca Lucas de Andrade.

Além disso, há uma particularidade nas histórias produzidas que não fazem conclusões fáceis – são até inusitadas – e produzem questionamentos, estimulam a imaginação, como no curta *Aqui Jazz* (2006) e no mini-metragem *Clique*, feito para para o Youtube. "Eu gosto da idéia de que o publico dialogue com o filme. Pra mim só assim o cinema é completo. Talvez seja uma característica do grupo, já que até agora todos aqui apoiaram", disse Fabrício, diretor e roteirista dos filmes



em questão. Não se pode esquecer que são traços que revelam influências citadas pelos próprios, em especial de Wood Allen e Fellini. Só não faça esse tipo de perguntas para o grupo para não gerar discussões. Ainda assim, eles ainda chegaram a mais alguns nomes como César Charlone, Toca Seabra, Martin Scorsese, Cláudio Assis (*Amarelo Manga*), Herzog, Michel Gondry, João Moreira Salles (*Santiago*), Chan-wook Park (*Old Boy*) e Rui Guerra.

O trabalho mais recente da Baxada Nacional Filmes é o documentário *Casa da Esquina 23*, a respeito da gravação do segundo disco da banda Pública e dirigido por Fabrício Cantanhede e Filipe Barros.

O Elebu levantou outras questões para essa moçada. Veja as respostas de Lucas de Andrade.

Filmes Para o Youtube

“Nós achamos que essa é uma realidade de um futuro próximo no audiovisual, inclusive participamos ativamente disso produzindo conteúdo pra internet. Porém a gente acredita que é uma linguagem próprio de um meio específico, ela não substitui nem confronta os outros formatos, ela só os complementa. Além disso ela ainda se encontra em desenvolvimento, acreditamos que ainda tem muita coisa pra ser explorada na rede”.

Um Brasil dentro de uma produtora gaúcha

“Tanto Fabrício (MT) quanto Eduardo (BA) já vivem em Porto Alegre há muitos



anos. Quanto ao carioca (Lucas), nos conhecemos produzindo um piloto para uma serie de TV no Rio em 2007. Convidamos ele pra vir, e ele veio!! Leonardo e Filipe são gaúchos. O nome Baxada Nacional Filmes remete um pouco a essa mistura étnica, e sintetiza o nosso apreço pelo Brasil”.

Cinema Nacional

“Das poucas coisas que chegam até nós, com algumas exceções gostamos sim. O cinema brasileiro vive um bom momento no exterior, mas ainda falta mais prestígio interno. Mais espaço principalmente... até porque, de que vale uma produção que aumenta e se diversifica e não é exibida, não chega aos espectadores?”.

Cinema Arte x Cinema Entretenimento

“O equilíbrio de tudo isso. A democratização dos gêneros e dos meios”.

Cinema x Vídeo

“Cinema, sem dúvidas”.

Casa da Esquina 23

“Nós tínhamos editado e finalizado o vídeo clipe da musica *Lugar Qualquer* da banda. Neste processo, Pedro Metz (vocalista da Pública) nos sugeriu que acompanhássemos eles durante a gravação do segundo disco para termos um registro. A partir daí resolvemos amadurecer a idéia e bolamos o documentário *Casa da Esquina 23*. Acho que nós podemos dizer que compartilhamos com a banda de um tesão pela nossa arte (eles na musica e nos no cinema) e por isso criamos essa boa relação. Quanto ao fato de ser uma banda pequena e o filme independente, custeado por nós, mostra o nosso interesse na linguagem, na estética, na produção e na realização. Acreditamos muito no projeto, na sua originalidade e achamos que ele será importante para banda e para produtora”.

Para assistir produções da Baxada Nacional Filmes:

www.vimeo.com/baxadanacional

nem fofinho nem fácil



Wall-E (*Wall-E*, EUA, 2008) – dirigido por Andrew Stanton e que tem roteiro escrito pelo próprio em parceria com Pete Docter – clama por ser o primeiro filme de animação da Pixar e Disney a chegar a maior idade pela complexidade da trama. Uma afirmação perigosa de ser feita, uma vez que a mesma Pixar foi responsável pela produção de *Os Incríveis*, cujo roteiro e proposta eram maduros e bem acabados, apesar da trivialidade.

A história parte do princípio que a humanidade falhou em cuidar do próprio planeta e debandou a bordo de dezenas de naves para o espaço, deixando na terra vários robzinhos lixeiros que deveriam limpar a bagunça. Passados sete séculos, apenas um continuava ativo, o herói Wall-E, que fazia seu serviço durante o dia e descansava a noite, sempre acompanhado de uma baratinha.

Um belo dia, chega ao planeta a moderna Eva,

que é um robô programado a rastrear vida vegetal. Ao ver a plantinha que Wall-E gentilmente a presenteia, a faz entrar num estado de standby e assim permanece até ser transportada novamente a uma das naves com o vegetal em segurança no seu interior. Wall-E, apaixonado, a segue e descobre um mundo diferente onde os humanos se transformaram em seres obesos, incapazes de dançar como no antigo musical que ele gostava tanto de assistir, que vivem num mundo automatizado e higiênico.

Uma vez que *Wall-E* reivindica para si complexidade, logo, como toda proposta tridimensional, há várias formas de se analisar a animação.

A primeira, rala e artificial, aponta um filme fofinho de se ver com uma mensagem ecológica séria por trás. O robzinho Wall-E é a versão mecânica do E.T de Steven Spielberg, delicado, ingênuo e sentimental que apesar de feio, torna-se simpático. Assim como o

alienígena dos anos 80, o robô toma conta de uma plantinha que se torna parte fundamental da trama. É que a Terra, após 700 anos de ausência humana, arrumou uma forma de fazer a vida prosperar no meio do lixo. Enquanto isso, por causa das trapalhadas do burrinho, mas bem-intencionado Wall-E, a sociedade desperta de sua condição inerte e redescobre a humanidade com senso ecológico.

Uma segunda abordagem compactua com a crítica que diz que *Wall-E* deveria concorrer ao Oscar de melhor filme, não apenas na categoria de animação. Esse mesmo grupo o elege como o *2001 – Uma Odisséia no Espaço* da animação, por causa do pouco diálogo e das referências óbvias inseridas. Não se pode esquecer das supostas conotações filosófico-acadêmicas.

O fato da Terra se encher de lixo, das pessoas viverem bovinamente dentro de uma rotina condicionada a ponto de perderem a consciência de si mesmas é como a realização profética apocalíptica dos pensadores da escola de Frankfurt a respeito das conseqüências e danos da cultura de massa explicada nas teorias críticas. Num resumo pontual, a indústria cultural, que viabiliza a cultura de massa, objetiva o controle da percepção dos seus consumidores em relação ao seu ambiente até chegar um ponto onde as pessoas pensem que não é possível viver de um jeito diferente. Se forçar um pouco mais, dá para encaixar a visão igualmente apocalíptica de Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo* de uma sociedade totalitária e desumanizada.

O despertar para a humanidade é como uma nova versão do *Mito da Caverna* de Platão, que pode ser encontrada no livro *A República* ou no Google mais próximo.

Isso leva a uma terceira visão a respeito de *Wall-E*. Embora seja uma produção bem intencionada e que procura bases consistentes de argumentação, ela falha quando mistura tudo num liquidificador e transforma em fast food: te satisfaz na hora, mas não sustenta.

Há também uma boa dose de falta de lógica no roteiro. No cruzeiro espacial há uma quantidade monumental de lixo produzido, tal como na Terra. A diferença é que o espaço é uma latrina muito maior. Os dejetos são resultado do consumo de milhares (milhões?) que vivem numa nave em regime de engorda bovina geração após geração durante 700 anos. A máxima “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma” a respeito da lei de conservação da massa de Lavoisier que se aprende na 5ª série ganhou uma nova dimensão. Com tanta matéria diária perdida dentro de um campo limitado e artificial, é um mistério as máquinas conseguirem gerar quantidades infinitas

de plástico. Devem ser dos átomos e da anti-matéria que transitam pelo espaço. Só pode!

São 700 anos de um processo de perda cultural resgatada pela curiosidade do comandante da nave, que boceja diante de uma análise científica, mas desperta para a consciência ecológica (e a vontade própria) após um dia se deleitando com definições de dicionário. Os pensadores de Frankfurt deveriam saber que a solução de toda problemática social e cultural está em uma lida no Aurélio, ora pois!

Existe ainda a questão da água, do solo terrestre contaminado, do ar tóxico. Mas isso só é mostrado dentro de um campo limitado que é a representação de Nova York. Vemos no início que a humanidade covardemente parte num confortável cruzeiro espacial, deixa a limpeza com robôs minúsculos que fazem a função de um caminhão de lixo. Isso feito na base de propaganda de uma companhia que atua dentro de uma sociedade de consumo capitalista e monopolista, aparentemente. E o resto? Foi de graça? Morreu?

Em *2001 – Uma Odisséia no Espaço*, existe o monolito que representa o despertar da inteligência humana, sendo que *Assim Falou Zaratustra*, de Richard Strauss (inspirado no livro de Friedrich Nietzsche), estabelece o compasso de cada avanço. Em *Wall-E* a mesma música é banalizada quando o comandante obeso que nunca andou na vida (logo, suas pernas estariam atrofiadas), realiza o milagre de erguer-se como um bípede que se preze.

A história de amor fofinha entre robôs humanizados que enfrentam a ira de um robô tirano, candidato a ser o novo Hall 9000 (mas falha), é o fator anestésico que desvia a atenção dos buracos.

Entenda que *Wall-E* não é uma animação para crianças, mas sim um filme acessível a elas. Há uma diferença gigantesca de percepção aí, logo a banalização da mensagem torna-se um incômodo bem maior. Enquanto entretenimento puro e simples, a produção é ótima. Mas a partir do momento em que se coloca um tento a mais e o peso da seriedade, é aí que reside o problema. *Wall-E* tenta, mas fracassa ao tentar se passar por uma obra revolucionária da animação a ponto de colocar uma obra como *2001 – Uma Odisséia no Espaço* como referência direta. Teria que fazer diferente, como elaborar uma história menos ambiciosa e sem tanta margem a furos, para começar.

É aí que o concorrente de *Wall-E* na animação em 2008, *Kung-Fu Panda*, mostrou-se superior (onde a DreamWorks dá uma lição na Pixar pela enésima vez): é mais honesto querer apenas contar uma boa história, enxuta, engraçada, com alguma sacanagem e sátira. Nesse sentido, *Kung-Fu Panda* é formidável, enquanto *Wall-E* é uma produção tecnicamente extraordinária que quer ser mais do que realmente é. [D.A]

o irã é aqui

Djenane Arraes

Persépolis é a melhor graphic novel de todos os tempos. Não fala de super-heróis que sabem voar, nem de terras fictícias, não mostra homens musculosos e mulheres peitudas, não há capas, cores, máscaras. Por outro lado, há muita ação, alguma pancadaria, véus, muito preto e branco, a maior parte da história se passa numa terra que parece ficção aos olhos ocidentais. E há personagens incríveis. Melhor dizendo: fala de pessoas incríveis e reais.

Persépolis é uma autobiografia da artista, quadrinista e ilustradora iraniana Marjane Satrapi, onde ela narra sua perspectiva de uma terra cheia de conflitos. Não é como Joe Sacco, jornalista que escreveu

reportagens sobre lugares em guerra (Sarajevo, a Faixa de Gaza, etc) na forma de quadrinhos. Sacco era um observador de passagem, enquanto Satrapi vivenciou guerras e transformações sob os olhos de um nativo, alguém com fortes laços afetivos com a terra e sua gente.

Com uma narração eloqüente, Satrapi começa sua história no momento em que o governo iraniano a obriga a usar o véu aos dez anos de idade. Ela não entendia bem por que. Era uma menina com uma baita imaginação e criatividade que estudava numa escola laica, liberal e bilíngüe, que, de um dia para o outro, foi extinta. Não é difícil imaginar que seus pais eram



pessoas instruídas e politizadas. A mãe e o pai participaram ativamente dos protestos populares para a derrubada de Mohammad Rezah, no Irã em 1979. Ela era o imperador que governava desde década de 50 após um golpe de Estado articulado em conjunto com os ingleses.

A família Satrapi era da esquerda, discípulos do pensamento marxista. Sonhavam com um país de ideais comunistas, mas após a chamada revolução popular, o que viram foi à instauração de uma república islâmica radical que, em seguida, prendeu e matou os seguidores de Karl Marx. De aliados, os Satrapi e todas as pessoas de esquerda (ou simples opositores do regime islâmico) tornaram-se inimigos, infiéis e amorais. Eles não fugiram do Irã, no entanto. Eram otimistas e patriotas demais. Talvez, sonhadores demais.

Marjane passou o fim da sua infância e o início da adolescência com duas vidas paralelas. Encontrava em casa um ambiente liberal, onde podia escutar rock, ter pôster do Iron Maiden na parede do quarto, expor suas opiniões sem medo. Sua avó (mulher sensacional) dava lições fantásticas entre os mimos, a mãe se preocupava, e o pai mantinha o firme propósito de dar a sua filha o máximo de liberdade de pensamento e expressão possível. Mas na rua era preciso vestir o véu, calar-se, submeter-se, bater em si mesma em respeito aos mártires da

guerra que o Irã travou contra o Iraque. Narrou não apenas as bombas que caíam em Teerã, mas também a forma com que o próprio governo matava seus cidadãos. O Irã assassinou mais iranianos do que os mísseis de Saddam.

Apesar disso, Marjane nunca se calou. Colocava suas opiniões na escola e até desmentia informações e propagandas governistas reproduzidas pelas professoras. Usava jaqueta jeans e botton do Michael Jackson nas ruas. Era um grande problema. Um dia, depois de desmentir uma professora, às pressas os pais dela compraram uma passagem ela só de ida para a Europa. E na Áustria, ela passou a adolescência e vivenciou muitas aventuras e roubadas. Enfrentou problemas diversos por morar sozinha com pouca idade e ainda ser iraniana. Quando voltou ao seu país já no fim da guerra com o Iraque, percebeu que era ocidental demais em sua própria terra.

A narrativa de Marjane mostra que uma guerra entre países podia ter acabado, mas a interna, pela liberdade de expressão de seus cidadãos ainda resistia, mesmo que enfraquecida.

Hoje a autora vive na França e faz o sucesso que, provavelmente, não teria se continuasse a morar no Irã. Escreveu *Persépolis* para contar a história de sua vida aos amigos europeus e americanos. Ótimo que a HQ chegou ao grande público, primeiro em forma de livro (é vendido em edição completa ou dividido em quatro volumes), e depois como um longa de animação. A HQ ganhou prêmios. Já para a animação valeu uma indicação ao Oscar. Não ganhou porque é duro superar a indústria e o lobby da Pixar e DreamWork.

A frustração de um não-prêmio de Hollywood é algo tão menor perto do que se pode aprender com o texto de *Persépolis*. Existe ali um registro histórico incrível, é elucidativo e mostra aos ocidentais uma realidade que não é distante – é apenas ignorada ou por falta de interesse, ou pelo engano das notícias vindas do Oriente Médio, ou por puro preconceito. O terror de Estado praticado pelos governantes iranianos não é diferente daquele que existe em Cuba, na Venezuela ou em qualquer outro país que vive na sombra de uma ditadura (mesmo que disfarçada). E fique perplexo, porque as estratégias de como “abitolar” e anestesiar a população em um regime supostamente livre e democrático são tão semelhantes, embora mais sutis, que assustam.

Além de contar a história de uma menina que viveu em um país da qual boa parte dos ocidentais pouco sabe a respeito, *Persépolis* é uma lição de consciência política, de reflexão de uma existência e, principalmente, de crescer como indivíduo e ser humano. As linhas eloqüentes, além do desenho simples e elegante de Marjane fazem rir (bastante), chorar (muito) e pensar (um bocado). Uma história belíssima que precisa ser conhecida por todos.

felis silvestris catus

Marcelo Leite

Meu gato está gordo. Juro.

O animal me olha de volta e dá aquele miado fraco de quem debocha da minha constatação, mas era impossível não ver. No verão o pêlo cai, a casa toda vira um caos de tufo branco e meus ternos pretos me condenam por isso. Mas mesmo sem toda a pelagem, ele continua fofo demais. Deve estar gordo, só pode. Do fundo daqueles olhos de um azul tão forte, ainda me questiona com um não tão sonoro "e daí?".

Academia... será que acho uma academia pro gato? Ele devia malhar, tá precisando um pouco, tem uma escada inteira pra subir entre o terraço e o primeiro andar do apê. Vai que tem um troço no meio do caminho e capota. Mas ele anda sem tempo pra ficar malhando, tá acordando muito cedo. Vai ver se mudar de ração, ou de repente se eu arrumar pra ele mais atividades. O tempo tá curto, mas acho que sempre dá pra encaixar mais uma coisinha.

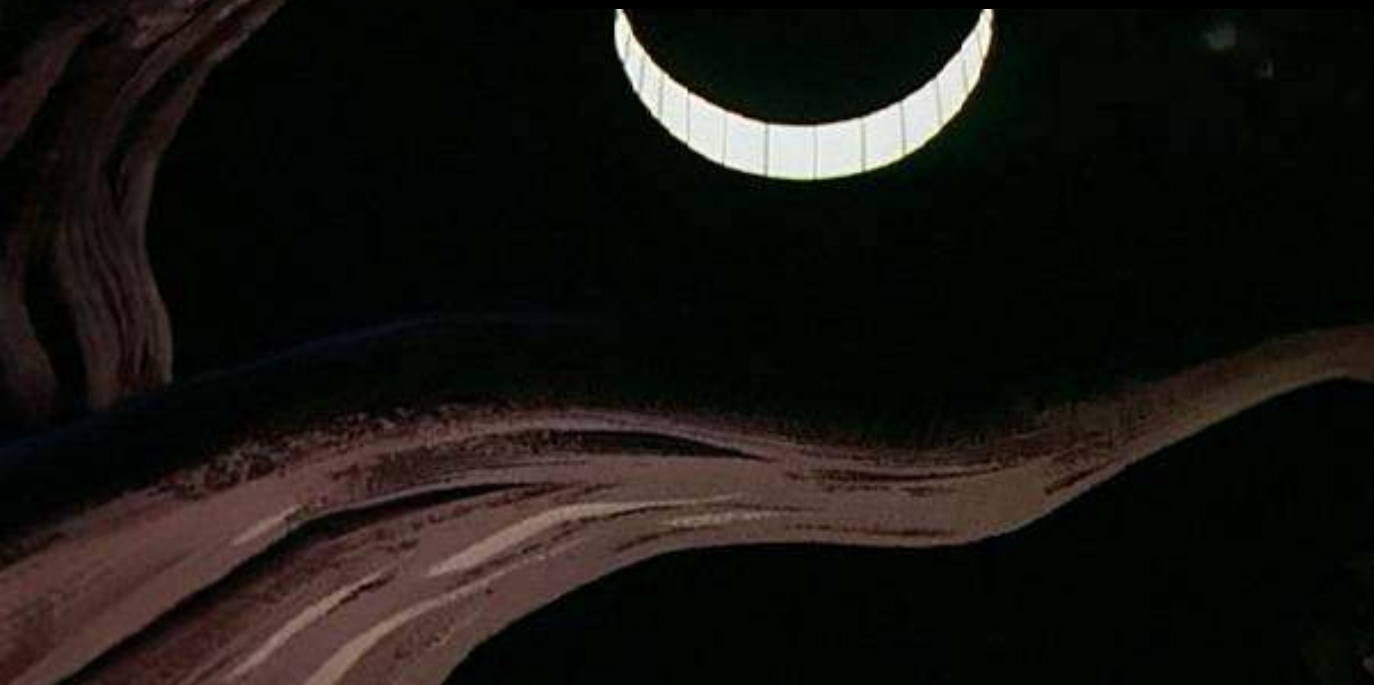
A agenda do bicho anda cheia. Fato. Não sei o quê tanto faz, mas ultimamente só o vejo correndo de um lado pro outro e, quando chego em casa tarde da noite, estamos os dois muito cansados e caímos na cama, um acolhendo o outro. Claro, primeiro ele mia, para clamar

pelo toque. Fica esparramado, faz cara de desinteressado só pra fingir que não faz tanta questão assim, e então chia pra mostrar que o carinho é um direito adquirido do bicho de estimação e não um dever do dono.

O gato certamente anda fazendo das suas com as gatas dessa vida, nem que seja só o eventual flerte felino. Ele simplesmente não consegue, mesmo com as que lhe distribuem as eventuais patadas. Acho q até curte uma unhadas que toma, aqui e ali. Uma vez ouvi a frase q "sem um pouco de dor, não vale a pena". Inspiradora. Ele me olha como quem concorda.

O bichano já deve saber até quanto tempo eu levo pra desmaiar de sono. Aposto q ri de mim nas noites q tiro só o sapato pra uma "deitadinha rápida" e acabo dormindo de roupa, com a cama ainda feita. Por trás daqueles olhos imensos, debaixo das orelhas pontudas, guarda lembranças de quando nós dois não corríamos tanto assim, pra cuidar de tudo a tempo.

Mas uma coisa está dada... mesmo tão ativo, meu gato tá gordo. A veterinária vai me dar esporro, semana que vem quando vier vacinar. E só nesse ponto eu e ele divergimos. Já é o segundo cinto q perco, largo demais, em 4 meses. E o gato nem pode ficar com as minhas roupas.



É uma linda e meiga menina. Longas madeixas castanhas e olhos enormes, também castanhos. Como os de seu pai. Corre de um lado para o outro, irrequieta, e gosta de ouvir seus discos, com umas músicas meio estranhas. Veste e desveste as bonecas com todos os panos coloridos que encontra, improvisando roupinhas impensáveis. Depois, conversa com elas, coloca-as para dormir, canta alguma coisa, e fica ao lado, acariciando os cabelos. Eu, de muito longe, lá de um futuro desejado e distante, apenas vigio seus gestos suaves, acariciando o momento, envolto e completamente perdido numa diáfana nuvem de sonhos.

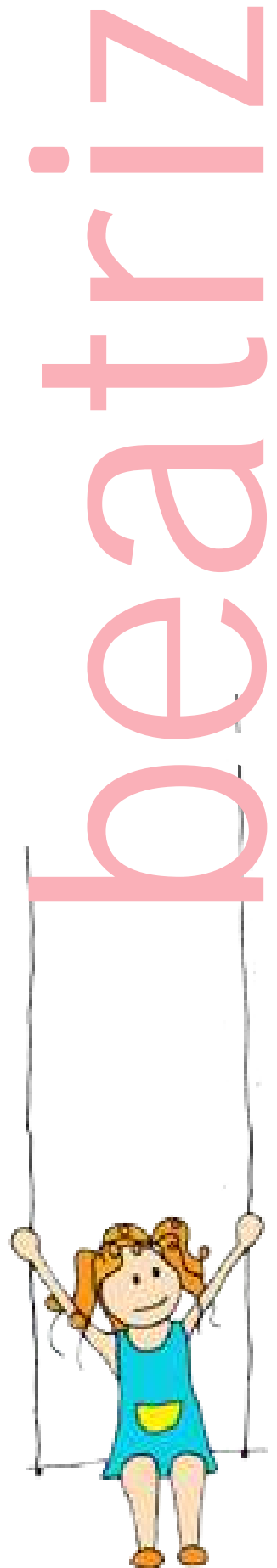
Beatriz gosta de doce de abóbora com coco, não gosta de bife de fígado, gosta de batatinhas fritas com cat-chup (que ela pronuncia quétisupi) e Guaraná, odeia feijão, adora chupar gelo. É linda. É terrível. É avassaladoramente esperta. Demora-se no banho e espalha água por todo o banheiro, enxuga-se com duas, três toalhas, todas com flores da cor laranja, acaba com o xampu e esfrega condicionador nos pés. Depois, coloca um vestidinho até os joelhos e parte descalça para o quintal, pisando terra e se encardindo toda, para desespero e deleite de sua mãe, que reclama não suportar mais lavar toalhas e vestidinho imundos, mas que, depois, fica tempos agarrada ao pano, sentindo o cheirinho bom da menina criança. Eu me divirto daqui, ora namorando a filha, ora namorando essa mãe carinhosa e tão apaixonada como eu.

Antes do almoço, Beatriz faz bico que quer sorvete. Depois, não quer almoçar. Fica emburrada, cruza os braços, faz beicinho. Ameaça chorar. Não quer, não quer e não quer. Vai se fazer o quê? A gente faz cara feia, insiste mais um pouco, chega a ameaçar castigo. Daí ela derruba uma lágrima e a gente desmorona junto. Também (que coisa!), como fazê-la entender que feijão com arroz e aquela batata com carne de aspecto muito duvidoso é melhor que o tal sorvete em forma de dedo que todo mundo cansa de ver nos comerciais da tv? Dá-lhe batatinha com guaraná, sorvete e colo.

Beatriz não gosta mais de chupeta. Mamou no peito até os três anos. Tem saúde de ferro. Não pega mais sarampo, catapora, caxumba. Está vacinadíssima como manda o figurino e o tal manual dos pais modernos. Pega umas gripes fortes de vez em quando. Mas nunca ficou de cama. Precisar, precisava. Mas quem consegue segurá-la? Rostinho vermelho, 38 e mais um pouco de febre, pulando do sofá para o chão, perturbando o Samba (Samba é nosso cachorrinho, que cresce junto com ela). Pouco se dá conta do que é estar "dodói". Enche os braços com pintinhas vermelhas de lápis de cor para ficar melhor. A mãe deixa. Eu, de muito longe, me esforçando para não acordar do sonho, sorrio com o jeito dela. Beatriz vai crescendo esperta, maravilhosa e linda.

A gente se preocupa com os degraus, com a janela aberta – que a danada já aprendeu a subir! – com o carrinho que ela pilota em disparada pela rua, com os patins. Cada tombo é um susto. Cada choro, um desafio. Beatriz não é de chorar por pouca coisa. Uma dor de garganta muito forte conseguiu abatê-la um pouco. Ficou dois dias e meio quietinha demais e a gente chegou a sentir saudade da vibração e da energia. Ficamos todos mais tristes aqueles dias. A casa, a rua, o bairro, o mundo, Deus e os anjos. Todos um pouco mais amargurados que o de costume. Mas logo ela estava sassaricando para todo lado, e brincando com o Samba, que fica de língua de fora, com aqueles olhos de filhotão olhando para Beatriz. Pega, Samba, pega! Mas Samba fica só olhando. Não pega nada. Ninguém.

À noite, eu coloco Beatriz no colo e, depois de recontar uma das duas histórias mais preferidas dela, canto uma canção antiga e ela vai adormecendo de um jeito assim, só dela. Os olhinhos vão fechando devagar. Tremem um pouquinho. Ela resiste. Depois balbucia alguma coisa sem entendimento e, serenamente, adormece. A casa ganha um silêncio estranho, incômodo. Uma quietude de sereno e madrugada. Eu a coloco na cama e deixo a luz de um abajur-anjo acesa. Fico algum tempo zelando em êxtase seu sono tranquilo. Depois, deposito um beijo leve na testa e deixo o quarto. Mal tranco a porta e viajo rapidamente para o meu mundo, aqui neste meu outro espaço e tempo. Daqui, do outro lado dessa porta do tempo, continuo cultivando meu sonho. O sonho de acalantar a filha que eu quero ter. Sonho de acordar com Beatriz me puxando o cabelo, fazendo barulho, querendo brincar.



o início da saga

Djenane Arraes

Criar e produzir o fanzine Elefante Bu ao longo desses dez anos foi como deposita toda a fé na teoria da evolução das espécies de Charles Darwin. A ideia de seleção natural, instinto de sobrevivência, desenvolvimento e adaptação, tudo isso diz respeito à trajetória deste projeto. A história de como tudo começou já foi contada algumas vezes, mas espero conseguir colocar novos elementos para quem já a conhece, e situar sem complicar àqueles que estarão lendo a respeito pela primeira vez.

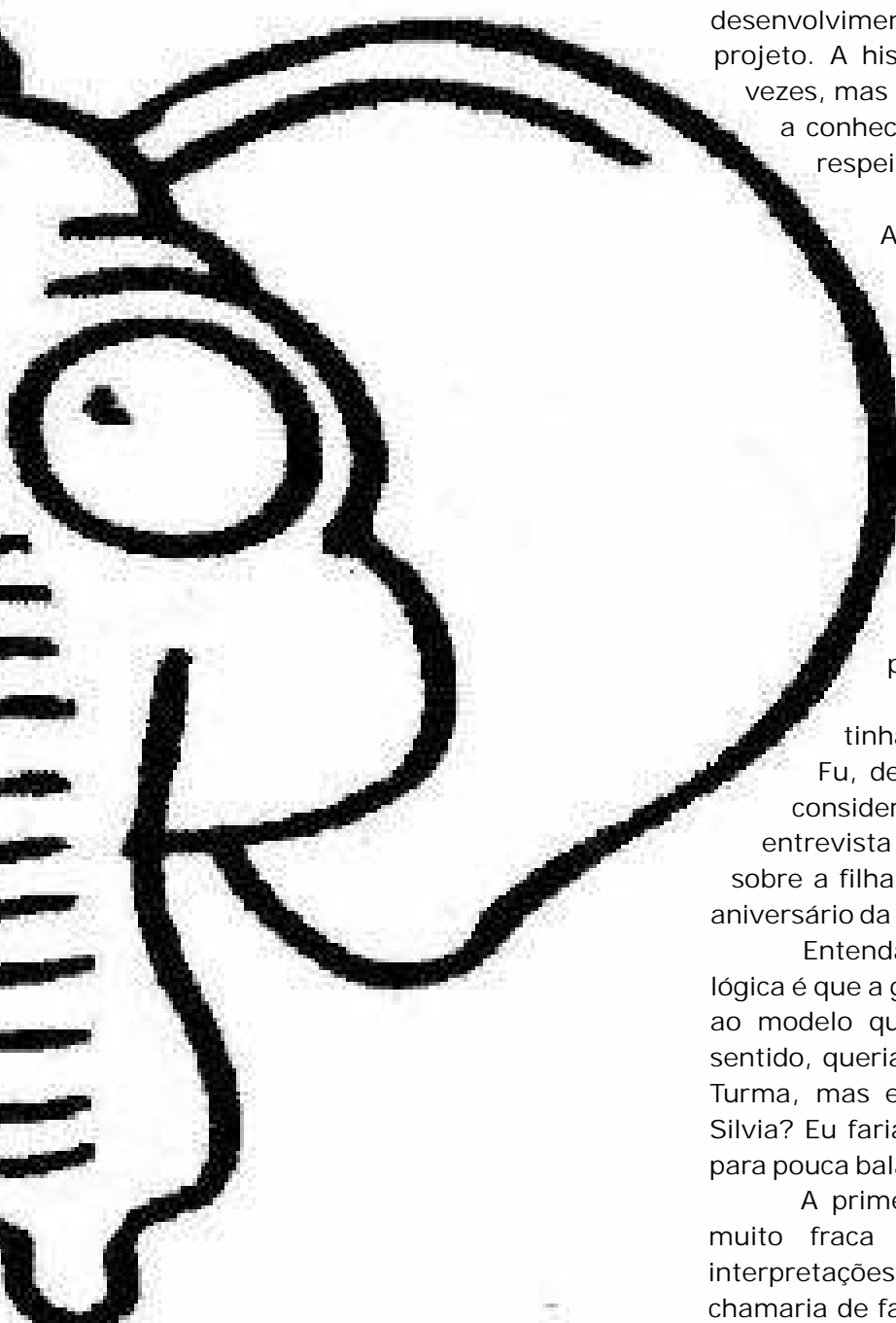
Naquela época, 1999, era uma fanática pela banda. Achava tudo lindo no Pato Fu, era encantada com a proximidade entre fãs e bandas, tinha feito bons amigos e queria me aprofundar ainda mais nesse universo. Uma forma seria criar algo: uma página na internet, um fã-clube, um fanzine. A última opção me pareceu mais interessante porque também serviria como uma prática para o curso de Jornalismo. Logo, tinha a vontade de fazer um projeto (um zine), uma fonte de inspiração (Zine da Turma – de Fortaleza), o assunto (Pato Fu) e o público alvo (o ciclo de amigos fãs da banda). Faltava a motivação, e ela só aconteceu quando o professor da faculdade disse “quero que vocês produzam um fanzine e vale nota”.

O Zine da Turma era o ideal de trabalho perfeito que tinha na época. Tratava-se de um produto do fã-clube Turma Fu, de Fortaleza. O pessoal que o produzia, fazia coisas que considerava o máximo. Por exemplo: eles conseguiram uma entrevista com dona Sílvia, a mãe de Fernanda Takai, para falar sobre a filha e tinha até um caderno especial em comemoração ao aniversário da vocalista. Meus olhos brilhavam ao ler tudo aquilo.

Entenda algumas peculiaridades da criatura aqui. A minha lógica é que a gente precisa buscar ser tão bons quanto, se não melhor, ao modelo que pegamos de referência, porém sem imitar. Nesse sentido, queria que o Elebu tivesse o padrão de qualidade do Zine da Turma, mas estabelecendo um caminho diferente e próprio. Dona Sílvia? Eu faria até matéria sobre o Totó, o cachorro. Muita ambição para pouca bala na agulha, eu diria.

A primeira edição, ou a nº0, tinha uma entrevista exclusiva muito fraca com Fernanda Takai, uma introdução à banda, interpretações da letra de *Meu Pai*, *Meu Irmão*, e um conto que hoje chamaria de fanfiction. Em resumo, não tinha nada e ainda trazia um visual primitivo, precário, diagramado no editor de textos Word. Para chegar aos pés do Zine da Turma, parecia que o pobre Elebu teria de nascer de novo. Só não foi um desastre completo porque de tudo que não consegui alcançar na qualidade, ao menos fui bem sucedida em não fazer igual. Isso é um mérito que as pessoas não costumam valorizar.

Esse diferente já começava no próprio nome, que não tinha referência direta à banda, ao mesmo tempo em que era um plágio dele. Havia também uma boa história: uma homenagem ao Babu, o elefante



africano que mora no zoológico de Brasília. Gostava de fotografá-lo como prática para o curso que fiz na época. Apostava em criar capas num padrão de revista, porém com visual mais limpo. Também procurava dar uma característica a cada texto e página. Isso foi um processo instintivo na época, que hoje é uma característica forte do zine.

A capa da edição nº0 trouxe o elefante-logo (retirado em um daqueles CDs antigos de clip-art) e a manchete "chegou mais um fanzine sobre o Pato Fu". Ou seja, a notícia principal era o início da existência do Elebu, porém colocado apenas como "mais um" dentro de um universo criado em torno do hoje quinteto.

Hoje, o Elebu não é mais associado ao Pato Fu e está há anos-luz daquela edição nº0 em consequência de um processo natural. A evolução de Darwin aconteceu e o bicho evoluiu! Mas o link existe e faço questão de preservá-lo "na alegria e na dor" porque tenho muito orgulho dessa origem. Poxa, o Elebu nasceu para prestigiar um trabalho diferenciado, feito por pessoas muito bacanas. E foi do estímulo gentil da vocalista, ao mentir dizendo que o zine era legal, que ele continuou a existir. Disso não esqueço e dou todo valor.

pérola primeira

Tem coisas que são complicadas... e a quantidade de "minha nossa senhora" ditas enquanto re-digitava essa entrevista foi considerável. Coisas da vida. Bom, essa foi a primeira grande participação do Pato Fu no zine, já na edição nº0. A foto usada foi essa mesma, tirada pelo Loester. A diagramação também está quase fiel à original.

Elefante Bu – Está é sobre o quinto CD. Soube que ele está em pré-produção e que vocês vão entrar no estúdio em junho (99) e o produtor será o Dudu Marote.

Fernanda Takai – Começamos a gravar no meio de junho e o CD deve estar nas lojas em setembro. O produtor será o Dudu Marote sim, aliás, o primeiro a repetir uma produção Fu.

E. B – Há uma perspectiva maior para este novo trabalho?

F. T – Cada CD novo é um passo adiante. Esperamos sempre que seja melhor que o anterior. Vender mais CDs também é bom porque estamos numa

indústria né? O importante é continuarmos a fazer o que gostamos do jeito que sabemos!

E. B – Ele será uma nova surpresa, ou



tende a seguir a linha do "Televisão de Cachorro"?

F. T – Nem a gente, nem o Dudu, sabe disso ainda. O conceito básico do CD é o

mesmo de todo disco do Pato Fu: diversidade. Parece que este disco não terá nenhuma regravação... pelo menos até o momento, não surgiram idéias... Mas tudo pode mudar!

E. B – Fernanda, poderia falar um pouco sobre sua experiência na DMJ de Comunicação Visual, e que dicas você daria aos novos profissionais desta área?

F. T – Eu era sócia da agência, mas os outros sócios é que eram designers. Formei-me pela UFMG em Relações Públicas, e era gerente de atendimento além de redatora. Toda carreira é uma luta! Mas há vencedores!!!